

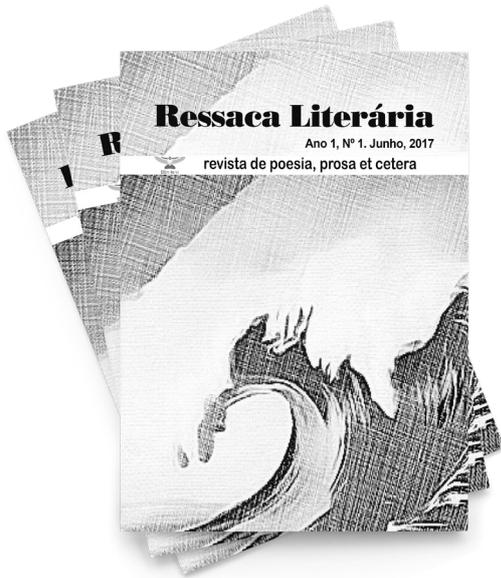
RESSACA LITERÁRIA

ANO 6, Nº 11. Maio, 2022

revista de poesia, prosa et cetera



EDIÇÕES ANTERIORES





Para Início de CONVERSA

Esta é a 11ª edição da Revista Ressaca Literária, que tem como proposta a produção de textos em prosa, poesias, ensaios, artigos de análise e crítica literária, além de ensaios na área de cultura e outras artes, a partir de uma ótica interdisciplinar.

Desde a abertura de sua primeira edição, a revista busca promover a leitura e a escrita, ampliar as pesquisas, produzir conhecimento e adensar a capacitação profissional no âmbito das Letras, formando egressos com *expertise* investigativa, propositiva e interdisciplinar no campo da linguagem, da literatura, da cultura e imaginário, do reconhecimento da pluralidade, da valorização da identidade e das artes em geral. Produções marcadas pela constante participação acadêmica e pela criatividade de todos os colaboradores, revelando poetas, contistas e demais escritores no cenário acadêmico das Letras. Desta feita, apresentamos o conteúdo da **11ª Edição da Revista Ressaca Literária do Curso de Letras - UnirG**, que contou com a participação de poetas e escritores, acadêmicos e professores.

A Ressaca de Leitura, inicia com um estudo sobre a Transmutação da Linguagem na obra *Coraline*, de Neil Gaiman, pelos acadêmicos Brunno de Sousa e Silva e Marcos Paulo Gonçalves Cerutti. Traz trabalhos iniciais de prosa, os minicontos: *O ladrão de pijama*, de Ane Lise Furlan; *Alice*, de Victória Reginna Cavalcante; *Loucura*, Marcos Cerutti e *Sempre ao seu lado*, de Rachel Mascarenhas. E, na sequência, as produções poéticas dos estudantes do Curso de Letras da IES. Já na coluna de Teoria Literária, nossos leitores irão lembrar A Semana de Arte Moderna, que completou 100 anos, por meio do ensaio *O coloquialismo vocabular X A sofisticação da linguagem*, da professora mestra Wellitania Oliveira.

No Espaço Acadêmico Autobiográfico traremos um pouco da vida e trajetória da professora mestra do Curso de Letras, Ilka da Graça Baía de Araújo. Na coluna de Entrevista temos uma personalidade da Academia Gurupiense de Letras, que é parceira de nossa instituição, nela conheceremos um pouco sobre o jornalista, professor mestre e poeta, Paulo Albuquerque, atual Presidente AGL. Quanto à coluna

Marulhos Literários, temos como indicação de leitura as obras: *Seminário de Ratos* de Lygia Fagundes Telles, uma coletânea de 14 contos lançados em 1977 e *Torto Arado* um romance brasileiro de 2019, escrito pelo autor baiano Itamar Vieira Junior. Nesse mesmo aspecto literário temos a coluna Literatura Tocantinense com teor específico de obras produzidas regionalmente. Obras como: *Trabalhadores*, do professor mestre e poeta José Carlos de Freitas e *As Tocantinas*, de Célio Pedreira, ambos no gênero poesia.

Na coluna Produção Acadêmica toma-se conhecimento de trabalhos produzidos pelos acadêmicos a respeito de obras e autores de nossa e de outras literaturas. Nesta edição destacam-se os textos: *A formação de um perfil de brasilidade em Macunaima*, pela egressa do Curso de Letras, Elza Câmara Costa; as vozes narrativas no conto Retábulo de Santa Joana Carolina de Osman Lins, da mestra e poeta Wellitania de Oliveira e *Compreensão leitora pela mediação do professor em protocolo de leitura*, do poeta Dr. Plínio Sabino Sélis. Na coluna Outras Artes ocorre o diálogo entre Literatura e outras expressões artísticas, em que se lê o ensaio da egressa de Letras Isabelle Neves e do professor Felipe Neves sobre o Copacabana Palace Hotel. Na coluna Melopeia e Tradução temos letras de músicas brasileiras traduzidas para o Inglês, bem como a música *Como nossos pais*, composição de Belchior, gravada por Elis Regina e traduzida pelo Prof. Jack Barbosa.

Para o encerrando das sessões da Revista Ressaca Literária, optamos em apresentar algumas Curiosidades Literárias, em que o leitor terá conhecimento de aspectos da vida e da obra de autores atuais de nossa ou de outras Literaturas. Enfim, a revista tem oportunizado um processo de permanente diálogo por meio das múltiplas linguagens e vem desenvolvendo sua história de contribuição literária com a comunidade, despontando e valorizando talentos acadêmicos por meio da expressão artística e da linguagem, conforme as exigências da graduação em Letras. Boa Leitura a todos!

Wellitania Oliveira

Nossa capa



NOSSA CAPA: Luiz Fernando Macedo de Araújo
Título: Mar de cores
Dimensão: 0,50 x 0,30 m
Técnica: Impressionismo



Luiz Fernando Macedo Araújo é artista plástico, desenhista e acadêmico do 6º período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UNIRG). Desde criança foi incentivado pela mãe a expressar seus sentimentos por meio da arte. Começou com desenhos simples e, aos poucos, foi aperfeiçoando sua pintura. Hoje Luiz pinta telas com a sensibilidade de quem faz poesia, põe na composição das tintas a mesma suavidade com que toca a tela com os pincéis. Luiz diz ser apaixonado por desenhos e pinturas e busca sempre melhorar a sua técnica.

Nossa equipe



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-65-00-44233-5
TÍTULO: Ressaca Literária Nº 11
TIPO DE SUPORTE: papel
VEICULAÇÃO: Físico

PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Presidente:

Thiago Piñero Miranda

Diretor Administrativo Financeiro

Oximano Pereira Jorge

Reitora:

Dr^a. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Prof. Me. Jeann Bruno Ferreira da Silva

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Prof^a. Dra. Rise Consolação Luata Costa Rank

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Fábio Pegoraro

Coordenadora do Curso de Letras:

Prof^a. Ma. Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Prof^a. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Victória Reginna Soares Cavalcante

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Ana Paula Soares Marinho

Ane Lise Capitãnio B. Furlan

Brunno de Sousa e Silva

Fabiano Donato Leite

Felipe Oliveira Neves

Ilcemara Regina Iensen Farencena

Isabelle Alves Neves

Jackson Barbosa da Silva

Marcos Gonçalves Ceruti

DIAGRAMAÇÃO:

Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

REVISÃO/EDIÇÃO:

Ilka da Graça Baía de Araújo / Alexandre Peixoto Silva

IMPRESSÃO:

Gráfica Modello

TIRAGEM:

100 exemplares

CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP:

(63) 98488-4480 / 3612-7521

Av. Antônio Nunes da Silva, nº 2195, Parque das Acácias - Gurupi - TO - 77425-500

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA	03
RESSACA DE LEITURA	06
NO CAMINHO DA PROSA	07
ONDAS DE POESIA	17
TEORIA LITERÁRIA	23
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	26
ENTREVISTA	28
MARULHOS LITERÁRIOS	31
LITERATURA TOCANTINENSE	32
PRODUÇÃO ACADÊMICA	33
OUTRAS ARTES	42
MELOPEIA E TRADUÇÕES	45
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	46

RESSACA DE LEITURA

A TRANSMUTAÇÃO DA LINGUAGEM NA OBRA CORALINE, DE NEIL GAIMAN

Por Brunno de Sousa e Silva¹;

Marcos Paulo Gonçalves Cerutti²

Atualmente, cada vez mais o cinema e os quadrinhos buscam inspiração na literatura. É o caso da obra literária *Coraline*, que rapidamente ganhou adaptações para ambas as formas de linguagem. Lançada no ano de 2002, a novela fantástica, de autoria do inglês Neil Gaiman, conquistou imediata notoriedade no meio literário. O sucesso e a popularidade da obra despertaram o interesse de autores que trabalham em outras áreas da arte e, em 2008, o livro ganhou uma adaptação em banda desenhada pelas mãos do ilustrador e quadrinista inglês P. Craig Russell; já no ano seguinte estreou nos cinemas a reescrita fílmica em forma de animação em “*stop motion*” (“quadro-a-quadro”) da obra, sob o título *Coraline e o Mundo Secreto*, do diretor e roteirista Henry Selick, com distribuição pela Universal Pictures.

É sabido que linguagens diferentes necessitam de tratamentos diferentes, e a reação do público nunca é igual diante das diversas faces que uma mesma estória pode assumir. Nesse contexto, torna-se relevante apontar os caminhos e as decisões tomadas



para que uma determinada obra se adeque a uma nova configuração. Utilizando como base a novela fantástica *Coraline*, trataremos das modificações, acréscimos e exclusões que as adaptações fizeram com o intuito de analisar o efeito de transmutação que ocorre quando uma obra é adaptada de sua forma original, a literatura, para a linguagem dos quadrinhos e do cinema.

Tratando-se da transmutação do texto literário para a linguagem dos quadrinhos, é possível afirmar que a estória de *Coraline* não sofre grandes alterações em relação ao enredo. O que diferencia a *graphic novel* (novela gráfica) da leitura do livro é fundamentalmente a arte, que torna

desnecessário o excesso de descrições através de palavras, já que “no texto imagético há uma materialização da narrativa verbal” (SILVA, 2018, p. 6). Sabemos que “no romance a apresentação do ambiente e contexto da história é longa e já retrata todos os personagens e objetos que serão necessários para o desenvolvimento da trama” (CAVALHEIRO, 2019, p. 68), enquanto na estória em quadrinhos tudo o que foi expresso, primeiramente, por meio de palavras, pode ser expressado visualmente por meio da adaptação.

Se a sequência de acontecimentos é a mesma, o que sobra para a adaptação quadrinística é transpor a ambientação. Nisso, a adaptação escolhe com cuidado o que vai representar visualmente e qual sequência de quadros vai adotar. Dentro da arte sequencial, a montagem dos quadros é um fator decisivo para o ritmo da narração, ela “não apresenta todos os enquadramentos num fluxo contínuo como acontece em um filme, mas revela em poucos elementos o essencial para que o leitor, através de sua imaginação, complete os quadros colaborando decisivamente para o processo de montagem.” (OLIVEIRA, 2007, p. 3).

Em determinada cena, no último quadro da página 30, o quadrinista opta por colocar a personagem “A Outra Mãe” num ângulo de costas para a protagonista, para que na página seguinte, logo no primeiro quadro, ele dê ênfase ao rosto de aspecto sobrenatural da personagem. O autor utiliza-se do virar de páginas para provocar uma sensação de choque no leitor quando temos um vislumbre do rosto da personagem, que no quadro anterior estava de costas. Nesta cena podemos notar a noção imaginativa de movimento em ação, efeito causado

também pela montagem cuidadosa da sequência. Entre esses dois quadros, o leitor não vê na arte o movimento de virada que a personagem faz, mas é capaz de imaginar o movimento que ocorreu entre eles.

Em relação à adaptação da obra literária para sua versão fílmica, percebe-se que ambos contam uma estória com a temática voltada para o público infantojuvenil. Dentro da indústria cinematográfica, tem-se a ideia de que é necessário que os filmes destinados a este público possuam um aspecto mais vívido e de caráter chamativo, com a intenção de manter a criança entretida, o que torna a adaptação fílmica mais lúdica e atraente para o público alvo, que ao olhar para as cenas e o modo com que as personagens são apresentadas no decorrer da obra, não só se mantêm atentos ao desenrolar da trama, como também desenvolvem o sentimento da empatia pelo o que lhes é comunicado; é nesse sentido que “o tom marca uma espécie de desdobramento da mensagem que comunica, de um lado, uma história, de outro, um julgamento sobre esta história. Pelo tom, o narrador se compromete com os conteúdos que mostra” (BREMONT, 1973 apud GUALDA, 2010).

Podemos citar, como exemplo de comparação, a cena em que Coraline tem o primeiro encontro com seus outros pais, logo depois de achar uma porta na sala de visitas da casa, que na verdade é uma passagem para outro mundo. No filme, a porta em questão é adaptada como uma pequena porta, escondida atrás de um papel de parede azul. Em contraste com o livro, a porta é de um tamanho grande, feita de madeira velha e não está escondida. Sendo assim, a obra cinematográfica

apresenta uma nova interpretação de uma mesma cena, se comparada com o livro. Isso porque a arte audiovisual de *Coraline* “não reside no grau de realismo que pode obter, e sim na exploração dos recursos cinematográficos e no uso desses recursos para criar o contexto da ação” (DINIZ, 1999 *apud* GUALDA, 2010).

Ao encontrar a porta da sala de visitas entreaberta, *Coraline* se entrega ao sentimento de curiosidade e decide ir explorar. Ali ela encontra um túnel colorido e luminoso, que com o auxílio da trilha sonora (um dos artifícios do cinema), faz com que a cena cause fascínio no espectador. A cena do primeiro contato com o outro mundo, apresentada no filme, é diferente da cena que está presente na obra literária. A descrição não só ocorre em outro contexto (No livro, *Coraline* pega a chave para abrir a porta logo depois que sua mãe vai ao mercado) como também toma contornos mais sombrios no texto, que se refere ao túnel como um corredor escuro, de cheiro frio, bolorento e de ar antigo. Essas comutações são justificadas pelo meio e modo que serão repassadas ao telespectador.

A disposição cronológica dos fatos narrados pelas obras fílmica e literária são de maneiras diversas uma para com a outra, embora essas mudança de cenas não afetam o entendimento e o desenvolvimento geral da estória. Na obra cinematográfica “a noção de tempo só pode ser criada através do contexto, da relação entre a tomada e o resto do filme, ou por meio verbal” (DINIZ, 1986 *apud* GUALDA, 2010). A disposição das cenas do ponto de vista da criação audiovisual, em comparação com a narração

do livro, torna-se mais coerente em alguns casos e de proporções mais complexas, dando mais ênfase aos acontecimentos e se aproveitando de “pontas soltas” deixadas por cenas já transcorridas e que serão enriquecidas por outras cenas futuras.

Esse enriquecimento na obra fílmica está presente também no ato de criação de dois novos personagens que não estão presentes no material base: o garoto *Wybie* e sua avó. Personagens que não são necessários para o entendimento do enredo no livro, mas na animação a presença deles dilui o desenvolvimento e cria uma nova subtrama que complementa a narrativa, dando novos pontos que serão desenvolvidos conforme o avançar da estória.

Em síntese, conclui-se que, ao tomarem escolhas que diferenciam as obras do material de base, tanto a obra em quadrinhos quanto o filme assumem um caráter original dentro de suas respectivas linguagens; muito embora ambas as obras compartilhem visões de um mesmo mundo, cada qual trabalhando com os artifícios que são inerentes a sua categoria.

Trabalho esse que é comparável ao ato de olhar uma imagem contra a superfície da água. A imagem produzida é um reflexo do objeto original, que adquire formas desconhecidas com o tremular da água, dando origem a uma nova forma de interpretar um mesmo reflexo; a obra e suas adaptações fazendo parte de um todo único (unidas através da temática) e, provavelmente, inacabado, já que ainda existe a possibilidade de novas visões de mundo que podem ser integradas e, ou acrescentadas à composição literária original.

NO CAMINHO DA PROSA

O LADRÃO DE PIJAMA

Por Ane Lise B. Furlan

Minha situação não era das melhores naquela tarde. Eu estava muito apressado, além de assustado em estar numa cidade tão exageradamente agitada e barulhenta. Caminhava pela rua e toda hora esbarrava em alguém. Imaginei estar sendo seguido – claro que um cara com semblante de caipira e assustado atrairia algum espertinho com intenções de se dar bem, ainda mais com as mãos nos bolsos estufados. Achei que era mais seguro do que colocar na pequena mochila presa às costas. Como fui idiota em sair do banco com todo aquele dinheiro sem nenhuma segurança!

Bem, a história é que sou comprador de carros usados e saí do interior do estado de São Paulo rumo à capital para buscar um Monza 1.8 azul metálico que havia me interessado nos anúncios do jornal. Não foi fácil encontrar o endereço. Tomei um ônibus em direção ao Brás, assim economizaria o dinheiro do táxi num botequim mais tarde. Conferi o possante que apresentava alguns riscos na lataria, mas nada que uma polida cristalizada não corrigiria. O ronco do motor estava bom e dando uma voltinha senti a maciez e o conforto de um Chevrolet. Com quinze anos de experiência, estava certo de que se tratada de um automóvel em estado conservado e favorável à venda lucrativa.



Trato feito, fiquei de buscá-lo no outro dia bem cedo, assim não enfrentaria o trânsito barulhento e perigoso que assola as capitais.

Percebi ao fitar o relógio o avanço das

horas, despedi-me correndo rumo ao banco para obter o dinheiro acordado. Naquele tempo só se fazia negócio com dinheiro vivo, notas na mesa. O cheque ou promissória não eram aceitos nesse tipo de negócio. Sabe como é, cidade grande, ninguém conhece ninguém...

O negócio é que consegui retirar a quantia desejada, que era em torno de vinte mil cruzeiros. Tratei de colocar tudo nos bolsos e com as mãos protegidos como se fosse doce roubado da panela quando a mãe se distraía com os ingredientes. Ai se ela pegasse! Além da bronca, ficava de castigo.

No meio da multidão, fui caminhando feito uma barata tonta, não sabia bem certo de que rumo tomar. Estava mais preocupado em não ser notado do que em encontrar o primeiro hotel que surgisse. Tive a impressão de estar sendo seguido, isso me fez transpirar além do comum, tremer as pernas... Eram tantas vozes misturadas em meio ao zumbido dos carros que achei que iria desmaiar. Mas quando levantei o semblante, deparei-me com uma placa luminosa apontando uma pensão. Entrei correndo rumo ao balcão.

- Boa tarde. Tem um quarto disponível? Fui logo perguntando com uma ânsia inigualável de me encontrar a sós.

- Tem sim, moço. Alcançou-me a chave uma moça desajeitada de batom rubro, apontando para o final do corredor. Número 113.

Parti ao encontro do refúgio que acalmaria meu coração saltitante. Está certo que não era lá essas coisas: cama macia demais, uma pia pequena, chuveiro frio e um grande espelho na parede. Mas

o importante é que estava em segurança. Tratei de relaxar. Organizei toda aquela quantia dentro da fronha do travesseiro depositando o embrulho sob o colchão. No outro dia contrataria um taxi até a garagem de carros. Não enfrentaria a multidão novamente.

O cansaço tomou conta dos meus olhos logo que terminei o banho. Vesti roupa limpa, apaguei as luzes e fiquei ouvindo o zum zum do corredor. Tinha um senhor que falava alemão exaltadamente. Sei por que meu avô era descendente e balbuciava algumas palavras desse idioma. Lembrei-me da infância, das brincadeiras... Adormeci com lembranças ingênuas de um tempo sem preocupações.

Um pesadelo fez-me despertar assustado na madrugada. No escuro e sem situar-me no espaço, fitei um homem que me encarava no canto do quarto. Pulei e me escondi embaixo da cama, apalpando-a no escuro, para conferir o maço de notas. Tremendo de medo, espiei vagarosamente a penumbra: estava lá a me observar. Não havia mais dúvidas, eu tinha que tomar uma decisão e, atirando todo o dinheiro para o alto, gritei:

- Pode levar o dinheiro, eu sei que você me seguiu até aqui!

Encarei-o com os olhos atordoados e percebi que ele não reagia. Decerto achando que eu estava armado.

Reuni toda a coragem que sobrou após o susto e lentamente acendi o abajur ao lado da cama. Em gargalhadas descobri que se tratava da minha imagem refletida no espelho. O ladrão estava de pijama.

ALICE

Por Victória Regina Cavalcante

A mulher negra, sofredora, repreendida, reprimida, abusada, escandalizada por sua cor, ela não era ninguém, apenas uma escrava de seu marido e do sistema. Não valia muito, servia somente para os serviços domésticos e satisfazer seu cônjuge.

Essa mulher, que por dentro sonhava que a vida fosse generosa com seus filhos, os quais não fossem obrigados a se calarem e a humilharem-se. A guerreira que está nessas linhas é minha mãe, mulher de cor, minimizada pelos privilegiados raciais, e que pude ver seu sofrimento e angústia desde pequena, mais especificamente até meus 17 anos.

Mamãe veio de muito longe, descendente de escravos, viveu de perto a luta racial, sentiu na pele a dor de seus ancestrais, mas não como eles! No entanto, nada diminui sua amargura, o martírio sofrido em seus 44 anos de vida. Elena Pires era o nome dela, minha avó escolheu esse nome para ela que significa “luz” assim como para vovó, Elena era a luz em sua vida.

Viveu até seus 15 anos na Bahia com seus pais, quando decidiu que era hora de traçar seu caminho! Elena não olhou para trás, sabia que ali não encontraria nada que pudesse lhe agregar, então vagou cidade por cidade, até chegar a Brasília, lugar que para ela significava esperança.

Em sua chegada à cidade grande arrumou em emprego como empregada de uma família afortunada, mas não demorou muito até ser despedida, pois descobriu sua precoce gravidez. Ninguém esperava isso, aliás, Elena não havia falado para nenhuma



pessoa a atrocidade que a perseguiu até o fim de sua vida; seu primeiro filho aos 16 anos, chamado Ullisses, que para ela, não traria coisas boas, apenas lembranças amargas: a pobre mulher de cor, abusada sexualmente por um homem cujo apelido era Amarelão, cidadão sem brilho nos olhos, sem medo da morte, sem o mínimo de sorte.

Sem emprego mamãe se viu em condições precárias, não conseguiria voltar a sua cidade natal, pois não aguentaria a longa viagem, vendo-se em situação de extrema miséria, comendo lixo, morando em lugares horrendos. Elena não sabia como teria seu filho, mas sabia que morrer de fome não era uma escolha, tão pouco deixar que seu filho sucumbisse à morte.

Apesar de seu estado, decidiu aceitar

uma proposta de emprego nada digna, mas ajudaria a curto prazo: trabalharia como prostituta para uma mulher que tinha longos anos de experiência nesse mercado deplorável. Já havia visto de tudo, mulheres serem mortas, pessoas morrendo de overdose, brigas, entre outros casos desagradáveis.

O pouco que ganhava ajudava ao menos na comida e remédios, entretanto nos momentos vagos, catava papel pela rua, para vender e comprar roupas para seu nenê.

Dois meses dessa rotina de prostituição e de coleta, conheceu um novo cliente, Jonas o nome dele, tinha o dobro de sua idade, a princípio o típico “homem de bem”, calmo, carinhoso, sedutor. Depois, covarde, manipulador, machista. Elena conheceu seu lado deplorável, mas não tinha muitas escolhas, ele insistiu em levá-la para sua casa, em troca de um teto e comida, ela seria sempre submissa a ele, não ousaria sonhar, tão pouco sair de casa.

Antes do seu filho Ulisses completar um ano, foi vítima de mais um abuso, e teve a mim, Alice, atualmente com 22 anos, fruto de um estupro, cujo meu pai, o homem que “tirou” minha mãe da prostituição e

matou no meu aniversário de 17 anos, com 20 facadas; e eu, só pude ficar sentada olhando tudo.

Apesar de meu pai ter sido preso, não demorou para que ele fosse solto e voltar-se à minha vida, pedindo desculpas e querendo voltar para casa, mas eu não podia aceitar. Entretanto, ainda menor de idade, assim como minha mãe, negra e mulher, não tinha voz. Meu irmão foi embora de casa cedo, nunca mais ouvi falar dele, então ali só residia eu e ele, o abusador e assassino de minha mãe, não demorando muito para fazer o mesmo comigo.

Hoje eu tenho uma única filha de quatro anos, filha do meu pai! Quando descobri a gravidez, fugi, para bem longe do mal que me cercava.

Talvez hoje eu ainda não tenha voz, mas certamente continuarei lutando para que minha filha tenha e que jamais seja violada. Tenho com ela, uma vida calma e estável. Ainda não sei do meu irmão, mas sei que ficarei longe no mal.

Victória Reginna Cavalcante

Acadêmica do 7º Período do Curso de Letras/UnirG.



Anita Malfatti

Uma das principais artistas modernistas do Brasil

Anita Malfatti nasceu em 02 de dezembro de 1889, em São Paulo. Mais tarde, estudou na Alemanha e nos Estados Unidos. Sua exposição mais famosa ocorreu em 1917 e tornou a artista uma precursora do Modernismo no Brasil. Ela também participou da Semana de Arte Moderna de 1922.

Suas obras possuem traços cubistas e expressionistas, além de elementos da cultura brasileira. No entanto, a partir de 1923, ela se afastou do modernismo e, com o tempo, passou a se dedicar a uma arte mais tradicional.

A boba (1915), de Anita Malfatti.

LOUCURA

Marcos Paulo Cerutti



Em seu imensurável pensar tudo era entropia de cores e formas, que dançavam a melodia da desordem, sobre o tingimento da anarquia e o aroma da balburdia. Assim, tudo existia no mesmo instante que era um nada de tudo, e tudo às vezes era uns profundos nada, e a existência não era concreta, pois tudo não era um fato. Fato esse, fato aquele, fato acolá que não poderia explicar, mesmo sendo de sua nascença.

Engraçado, né? Não sabia a significância dos seus pensares, aquele turbilhão de formas eloquentes para existirem de concreto, na espera da vivência nas páginas, para que outras entropias de pensar possam captar sua real estrutura do concreto.

Concreto... Acho que está começando a nascer o delírio da loucura nesse pensar, não acha? O que é ou seria 'O concreto'? Não

é aquele proveniente do cimento, cabeça. É aquele... esse... enfim, a definição evapora por entre os dedos, se é, meu jovem, caso exista.

A juventude torna tudo em uma infinidade de momentos e sonhos eternos, que iludem o pensar na não existência do ponto final, de talvez uma vírgula, e quem sabe de um ponto de interrogação, mas não, Pensar, a beleza da jovialidade é o contínuo sem fim, o contínuo sem obstáculos, o contínuo de prazeres e noitadas, o constante pensar no infinito que os momentos e amores serão. Oh, juventude de beijos roubados, de amores no pensar, de realidades fictícias, da doçura da maçã-do-amor e do algodão-doce de circo, da enloquência do álcool na corrente sanguínea, não vá embora para o esquecimento da saudade como a cretina da infância fora sem dizer um adeus, e deixando de presente a

consciência dos males do mundo.

Agora com a chegada da partida da juventude os olhos enxergam as cores em suas reais tonalidades, as narinas já aguçadas sabem o cheiro da podridão dos imaginários alheios, a pele anseia pela maciez e quentura de um amado, mas você, pensar, a cada dia arruma uma nova bagunça, sempre criando ramificações da realidade, sempre no mundo da lua, pensando no que poderia ser, perguntando-se o porquê das coisas, revivendo fatos passados, e louca na construção de um futuro fictício.

Que a verdade seja um fato, pensar, o amor não é eterno, às vezes alça voo para outros braços, a maçã perfeita pode haver podridão, grande parte das pepitas de ouro são falsas, o sol encanta, mas queima a alma, agora a mais dura das verdades, pensar jovial, quanto mais se vive mais próximo da morte estaremos. Estranho, não acha?

Estranho?... Mais uma pergunta sem resposta, pensar. O que seria estranho, Pensar? Acho que realmente está na exaustão da loucura. Não seja estranho, Jovem Pensar. Vai encaixar-se em algum nicho da normalidade. Estou falando, Pensar. Criando palavras sem definição concreta. Normalidade, meu jovem. Que caralhos será isso? Espero receber algum dia as respostas de todas essas perguntas, claro, né, se elas existem.

A juventude beijou pela última vez, sentiu a revoada das borboletas na barriga desvanecer, não aprecia mais pessoas vazias cheias de álcool e drogas em festas, trocou a velha caipirinha por um bom vinho (coitada, já vejo uma tremenda dor de cabeça), seus filhos possuem pelos e miam. Ela não sabe o porquê das coisas, na verdade, nem

quer saber. Engraçado, né, pensar, tantos anos vividos e com poucos amigos. O que aconteceu durante esse processo, minha amiga? Você era um símbolo jovial, brigava como um touro, atirou pela primeira vez aos seus 17 anos, imaginava um futuro de dragões e dentes de ouro, que voaria em um fusca azul. Um fusca azul, é? Você nunca se encaixou nas amarras da normalidade. Agora está aí, deixou as mechas verdes tornarem-se alvas, roupa social, até os óculos são tão normais, Credo, não seja assim. Assim...

Já pensou, Pensar, voltar ao passado e nos encontrar. Falar palavras apaziguadoras, dar um abraço de envolver a alma, falar para si mesmo para aproveitar a última partida de futebol na rua, de que vale apenas pegar um resfriado depois de dançar com um furacão, dizer que a dor vai passar e que novos amores surgiram. Não sei o que poderia acontecer, uma nova ramificação nasceria e a sua essência jamais existiria.

Está com seus oitenta e poucos anos, certo? Parabéns, Pensar. Ontem fui visitá-la no vazio que agora tu és. Triste. Sentei ao seu lado, seus olhos fixos no seu nada. Peguei em sua mão macia e a beijei. Você nada fez. Apenas estava no seu eu agora. Uma casca que há muito era um tudo de emoções e que as palavras saíam com rapidez.

Agora, restando apenas a briga pelo esquecimento. A pergunta indaga: será que não há vantagens em esquecer o passado? Ser quem você quiser ser, mesmo não sendo nada do seu ser. A cerveja acabou e os sonhos nos chamam para a revoada. Talvez eu volte, mas você foi para outra árvore.

*Marcos Paulo Gonçalves Cerutti
Acadêmico do 6º Período do Curso de Letras/UnirG*

SEMPRE AO SEU LADO

Por Rachel Mascarenhas Guimarães

Há vinte anos Laura e Antônio não sabiam que o amor estava prestes a invadir seus corações. Laura era uma moça jovem e muito bonita, morava em uma cidadezinha chamada Viana, no interior do Maranhão. Já Antônio era médico, recém-formado, acabara de conseguir o primeiro emprego na cidade de Laura. Ele estava entusiasmado, mas triste por ter deixado sua cidade, São Paulo.

Viana era uma cidadezinha pacata, com poucos habitantes, tinha uma aparência histórica e uma praça com muitas árvores no centro da cidade. Laura sempre ia até a praça nos finais de semana para ler seus livros. Ela adorava ler e no final da tarde observar o pôr do sol. Antônio, passeando pela cidade, observou Laura sentada na praça embaixo de uma sombra, o que lhe chamou atenção: além de ser uma linda moça, a luz do sol irradiava e iluminava seus cabelos que pareciam brilhar! Ele então passou a frequentar o lugar.

Sem saber como se aproximar da moça, ele pensava que talvez fosse melhor desistir, pois iria ficar na cidade apenas um ano, depois retornaria à capital. Um dia eles foram até a praça como era de costume, mas começou a chover logo que chegaram. Laura, que estava sentada, levantou depressa, tropeçou na raiz de uma árvore e caiu! Antônio, que observava a situação, rapidamente foi ajudá-la e ali sem que eles soubessem começou a nascer uma linda história de amor. Naquele instante, Antônio perguntou:

- Você está bem?

E Laura respondeu:

- Sim, estou! Você é novo por aqui?

- Sim, meu nome é Antônio, qual é o seu?

- Laura. Obrigada pela ajuda Antônio!

- Por nada, Laura.

Antônio então chamou Laura para irem até a sorveteria que ficava em frente à praça para esperarem a chuva passar. Depois de muita conversa, ele pediu à moça para que ela lhe mostrasse a cidade. Ela concordou e nos dias seguintes eles se divertiram muito juntos. Laura lhe mostrou todos os cantos e o apresentou para todos. A cada dia eles ficavam mais próximos e com o passar do tempo os dois ficaram muito apaixonados. Antônio vivia os dias mais felizes de sua vida ao lado de Laura, mas algo lhe incomodava, ele ainda não dissera à moça que teria que partir em breve e de fato não sabia como dizer. Doía-lhe o coração só de pensar em deixá-la.

Um ano se passou e Antônio ainda sofria com o mesmo problema. Já Laura estava feliz, pois finalmente tinha alguém amigo, companheiro, divertido e amável ao seu lado. Mal sabia ela que uma notícia estava prestes a partir seu coração. Antônio já estava de partida, mas convidou Laura para um jantar em sua casa. Ela chegou a pensar que ele a pediria em casamento, por isso colocou seu vestido mais bonito e foi toda radiante. Logo após o jantar Laura sentiu que havia algo estranho. Notou que Antônio estava diferente. Preocupou-se, mas esperou que ele falasse. Antônio então, meio sem graça, explicou à Laura que estava de partida, pois teria sido contratado para trabalhar na cidade apenas por um ano. Laura, assustada e com a voz trêmula, perguntou:

- Quando?

Então Antônio respondeu sem encará-la e

com a cabeça baixa:

- Amanhã.

Laura se desesperou, chorou tanto, não podia suportar aquilo. Antônio a abraçou fortemente e disse baixinho em seu ouvido:

- Você nunca vai me perder!

Pela manhã Laura foi embora para sua casa, pois não iria suportar ver seu amor partir. Ela estava desolada, o dia parecia não ter mais cor, tudo estava cinza. Eles viveram os piores dias de suas vidas longe um do outro.

Passou-se um ano e nem Laura, nem Antônio conseguiram esquecer aquele intenso amor. Antônio por várias vezes se perguntava como Deus teria permitido a ele viver algo tão maravilhoso e depois viver dias tão tristes. Ele então decidiu que não poderia mais viver assim, deixou de lado o medo e a inexperiência que o fez afastar-se de Laura e foi em busca do seu amor.

Persistente, sempre tentou por diversas

vezes telefonar para Laura, mas ela não o atendia, uma vez que, ela achava que era melhor não se falarem e esquecer o que viveram. Por este motivo, por não atender suas ligações, Antônio resolveu fazer uma surpresa. Após dois dias de viagem, ele chegou à Viana pela manhã, mas esperou o entardecer e foi até a praça. Laura estava lá, linda como sempre, lendo seus livros. Quando viu Antônio, ela pensou ser coisa da sua cabeça, mas ele foi chegando mais perto e ela entendeu que era real. O médico chegou até ela e antes que pudesse dizer uma só palavra, Laura o abraçou e ali naquela praça ficaram abraçados por muito tempo em silêncio, o amor aquecia o coração dos dois novamente. Então Antônio disse:

- Eu estou aqui para ficar sempre ao seu lado!

Acadêmica: Rachel Mascarenhas de A. Guimarães

8º Período de Letras



MEU PROFESSOR DE ANÁLISE SINTÁTICA

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente. Um pleonasma, o principal predicado da sua vida, regular como um paradigma da 1ª conjugação. Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial, ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto. Casou-se com uma regência. Foi infeliz. Era possessivo como um pronome. E ela era bitransitiva. Tentou ir para EUA. Não deu. Acharam um artigo indefinido em sua bagagem. A interjeição do bigode declinava partículas expletivas, conectivos e agentes da passiva, o tempo todo. Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.
Paulo Leminsk



Foto: Antônio David Diniz

ONDAS DE POESIA

DEDO DO FUTURO

Lucas dos Santos Costa

Certo dia, ele puxou
 O pedaço de papel
 Contornando com rasgos
 Beiradas espontâneas...
 O pedaço sempre diferente
 É parente
 Do que o imprevisível
 Dedo do futuro
 Sempre faz com a gente.
 Puxa, às vezes, aperta...
 Espontaneidade
 Nos reforma
 Enquanto o lápis do presente
 Faz rabiscos com palavras
 Que cobrem todo o rosto
 Do nosso coração
 E colorem todo o nosso existir
 E re-existir.



Foto: Antônio David Diniz

NÁTHALY

Victória Regina Cavalcante

Te olho de longe
Te vejo de perto
Sem delongas me desperto

Me desperto para esse amor
Que acalenta a alma
Em suspiros de fervor

Te vejo deitada em minha cama
Logo entro em devaneios
Sem demora você me chama

Deito ao seu lado
Sinto seu corpo quente
E fico em seus cabelos, enrolado
Com o seu amor ardente

Queria eu
Saber pintar
Criaria um museu
Faria dezenas, milhares de você
Espalharia aos quatros cantos do mundo
Que todo meu amor é seu

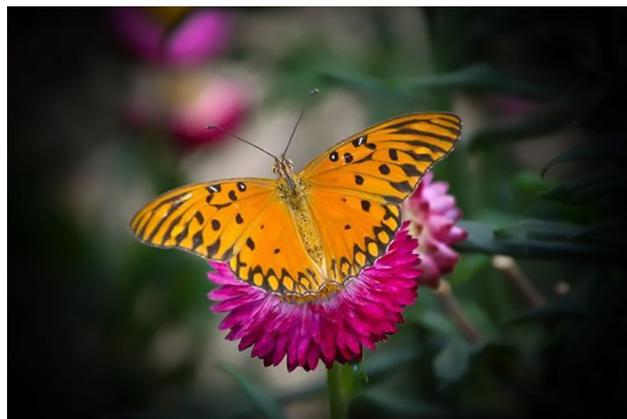


Foto: Antônio David Diniz

Se eu pudesse te dar um nome
Seria de uma deusa renascentista
De tão bela e única que você é

Picasso jamais conseguiria pintar
Tamanha perfeição
Vinicius de morais
Não teria palavras
Para escrever a enorme afeição
Quando os temporais se vão

Nem em mil anos alguém
Conseguiria representar meu coração
Em palavras quando meus olhos
Encontram os seus.

CASINHA AMARELA

Rita Máscia Soares

Casinha amarela
Que vontade de morar nela...
Tão pequenina e bela, cercada de pedrinhas de cores caramelas
Tem tanta formosura dentro dela que um coração só é pouco para habitar nela....
Aí quem dera, casinha amarela, que tu pudesse tirar toda melancolia de uma vida tão fria...

HOMEM DE LUGAR NENHUM*Bruno Sousa*

Te encontro pálido
 Apoiado em escombros
 Com pedras sobre os ombros
 Homem de Lugar Nenhum

Te encaro exausto
 Percorrendo, sem destino
 As tortas vias desse labirinto
 Erguido por ti

Tu, o próprio Dédalo
 Que outrora engenhoso
 Erguia para si um castelo
 Ora encontra-se desnortado
 Acuado em qualquer canto
 A invocar os teus deuses de bronze

Por quanto tempo, senhores?
 quantas vias?
 quantas rotas sem saída
 deverei perseguir?
 Nesse labirinto
 Tão fácil se perder
 Tão difícil se reencontrar
 Passarão as horas
 os dias
 os anos de sua vida

Té que um dia
 Quando o viço de sua pele esvanecer
 E a luz de seus olhos fenecerem —
 Neste dia, Homem de Lugar Nenhum
 Poderá enfim compreender
 E cego, encontrar a via perdida
 Que conduz a saída.

FADADO AO FRACASSO*Jhenifer Silva Carvalho*

Você trouxe luz para os meus dias nublados!
 Antes as feridas me cortavam ao meio
 e nem querendo deixavam de doer...

Sempre achei que desde o começo
 tudo já tinha sido fadado ao fracasso
 com um coração partido e caindo aos pedaços

Sempre
 fadado ao fracasso!

Era inevitável cair e se lamentar
 Inevitável sofrer sem falar...

Mas do nada você chegou
 Trazendo luz a minha escuridão!

Agradeço ao universo por você ser capaz de
 ver calma em meio ao caos.
 E mesmo que agora ache que deveríamos
 nos afastar de vez
 viver cada um em lados diferentes

Sempre parece que somos puxados
 para o começo
 e terminamos constantemente no meio

Mas do nada você chegou
 trazendo luz a minha escuridão!

Nunca pensei que precisava de alguém
 até te encontrar e ser salvo.

E agora que estamos longe;
 aqui, neste pedaço de terra longe do
 mundo...
 Meus pensamentos me levam até você

Porque eu tentei,
 juro que tentei,
 mas descobri da pior forma
 que te esquecer não é uma opção.

Luís

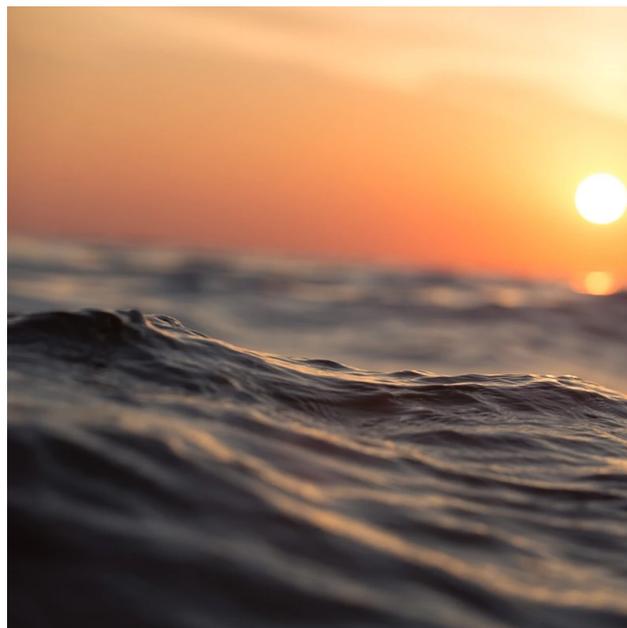
Felipe Oliveira Neves

Salgado oceano desconhecido
Nunca d'antes navegados
Aventura mor para destemidos
Homens abnegados

Mui grande é a jornada
Céu e estrelas em deidades

Divina natureza observada
Convivendo tristezas e felicidades

Dias de ventos presorosos
D'outros calma
Momentos tormentosos
D'outros sol que ardia



MINHA DÚVIDA

Aline Sousa Milhomeii

Será se é o amor, que sinto por você?
Será se é amor, as vezes que choro por você?
Será se é amor, as diversas vezes que penso em você?
Será se é amor, quando me pego rindo de você?
Será se é amor, quando do meio de uma conversa acabo me lembrando de você?
Será se é amor, quando me deito e o meu primeiro pensamento é em você?
Será, Será, Será... Que esse turbilhão de emoções é o amor, que sinto por você?

Poços

Rita Máscia Soares

Porque será que buscamos alegrarmos em poços profundos?
Poços esses sem fundos, ele nos prende, nos fazem reféns de nós mesmos...
Buscamos respostas para sairmos, mas continuamos
a insistir em estar ali, parados imóveis! Parados imóveis!
Dentro de nós mesmos tantas perguntas sem respostas...
A mais forte e ecoante entre todas as perguntas é aquela que nos questiona!
Queremos mesmo saber todas as respostas? Ter todas as certezas?

DITIRAMBOS DA LIBERDADE

Ana Paula Soares Marinho

Poderia absorver as chamas que me emanam
 Poderia compreender que levo tudo e a mim mesmo
 à combustão, então sou fogo
 Poderia assistir que a liberdade não se encontra no 'que' e sim no 'para que'
 Poderia olhar para o abismo sem o medo de ser fitado de volta,
 pois monstro não me tornaria
 Poderia negar a sensatez que limitaria meu conhecimento
 Poderia ser eu o hóspede dos hóspedes enquanto o mundo ri
 e a luz se casa com a subjugadora noite
 Poderia encontrar a felicidade sem o esquecimento
 Poderia ser de fato fogo
 Mas não sou Dionísio, não escrevo meus ditirambos para ser
 demasiadamente humano, não!
 Apenas busco o livre, sem que o bem ou mal me escolham então.

VESTINDO MINHA DOR

Rilary Soares Mota

Que essa dor um dia me sirva!
 A não somente viver com transparência
 Mas que eu possa ser eu mesma,
 sem que as pessoas se afastem de mim.

A incerteza de um dia próspero me dói a alma.
 Adentra-me como fogo. Queima-me aos poucos.

Socorro é a palavra mais dita em pensamento.
 "Tá tudo bem!" É a frase mais pronunciada em voz alta.

Procuro felicidade em poucos detalhes da vida
 Na esperança de um dia desvendar
 o mistério do que é ser feliz.
 Que essa dor um dia me sirva!



VOCÊ APENAS SE ESQUECE

Morgana Bezerra de Sousa Alves

Aos poucos, teu riso desaparece
E assim o meu canto esmorece
Aos poucos, teu rosto envelhece
Com minha alma que padece

No instante em que aparece
O frio de solidão se esmaece
Quando tua mão me aquece
O meu querer te fortalece

Desejo apenas que tu comeces
A olhar quando o dia amanhece
Você simplesmente desconhece
A esperança que prevalece
Então o raio de sol se fenece
Com meu corpo que estremece
A minha mente desobedece
E o meu coração se oferece

Você apenas se esquece

TOCANTINS

Rachel Guimarães

O Tocantins é lindo,
Eu nasci bem aqui,
Para ser mais precisa,

Na cidade de Gurupi.

Aqui tem rio, tem cerrado,
Tem ipê, tem pequi...
Tem gente alegre e amiga,
Ser tocantinense é assim.

OS POBRES

Fabiano Donato Leite



Foto: Antônio David Diniz

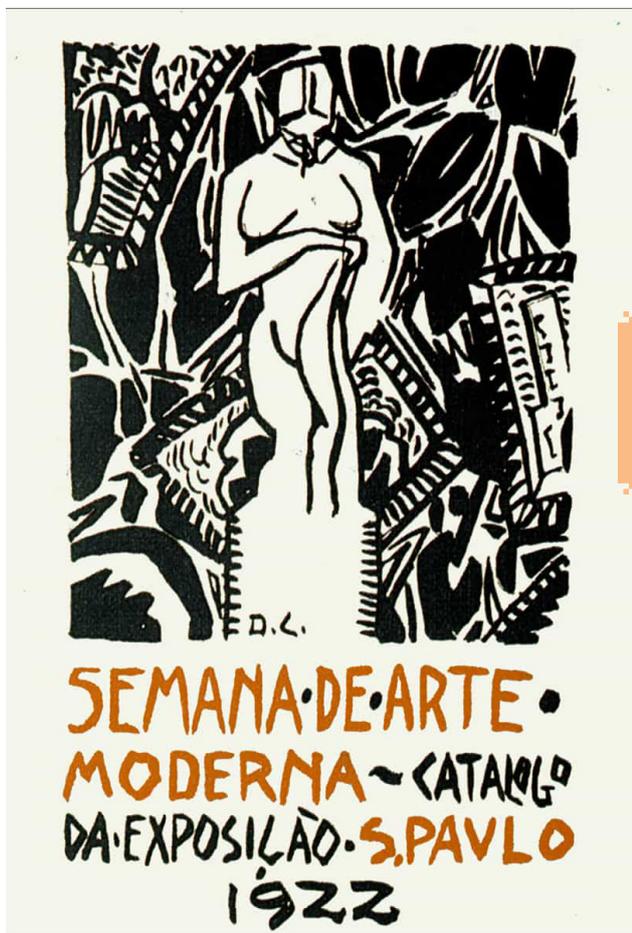
Pobres de nós,
Que nada temos!
Nós só temos
Aquilo que somos.

Somos serenos
E cheios de fé.
Nós cremos
E estamos de pé.

Que o verdadeiro mendigo
Não é aquele
Que tudo tem a pedir,
Mas aquele que nem sequer
Consegue ser dono
Daquilo que ele é.

Somos tão pobres
Ao ponto de somente termos
Aquilo que somos.
Donos de nossa fé
Nos dias e nas horas
Que Deus nos der.

TEORIA LITERÁRIA

SEMANA DE ARTE
MODERNA - 100 ANOSO COLOQUIALISMO VOCABULAR
X
A SOFISTICAÇÃO DA LINGUAGEM

Capa do catálogo da Exposição na Semana de Arte Moderna – Di Cavalcanti
O catálogo idealizado por Di Cavalcanti retrata com simplicidade o movimento modernista, com a figura da capa, preto em fundo branco, e grandes letras em vermelho e preto anunciando a Semana.

Ao longo do tempo, a língua portuguesa passou por transformações. Uma de suas transições deu-se no início do século XX, mais precisamente no período do movimento modernista que, no Brasil, visou destacar e consolidar uma língua tipicamente brasileira, que realçasse a identidade nacional. O início desse movimento se deu na Semana

de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, há exatos 100 anos.

Esse período foi marcado pela dinâmica moderna de progresso e de crescimento das tecnologias. Em decorrência disso, surge no âmbito artístico o desejo de retratar, por meio da arte, a realidade brasileira desse momento.

Nesta perspectiva, os poetas como: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Manuel Bandeira e Ronald de Carvalho organizaram o evento do dia 15 de fevereiro daquele ano, destinado à literatura, onde declamaram poemas que deixaram o público indignado por quebrarem os paradigmas deixados pelo Parnasianismo que valorizava a rigidez teórica, focalizada especialmente numa estrutura de padrão rigoroso e, também, na valorização da linguagem culta e requintada.

Nas palavras de Menotti Del Picchia, proferidas na conferência de Arte Moderna, o poeta expõe os reais objetivos dos modernistas, os quais se contrapõem aos parnasianos: *“Queremos libertar a poesia do presidio canoro das fórmulas acadêmicas, dar elasticidade e amplitude aos processos técnicos, para que a ideia se transubstancie, sintética e livre na carne fresca do Verbo, sem deitá-la, antes, no leito de Procusto dos tratados de versificação. Queremos exprimir nossa mais livre espontaneidade, dentro da mais espontânea liberdade.”* (DEL PICCHIA, 1983, p. 332)

Assim sendo, enquanto os poetas parnasianos prezavam pela norma culta da linguagem, os modernistas prezavam pela liberdade estética e linguística, como expressa Manuel Bandeira, um dos poetas pertencentes ao movimento modernista, em sua “Poética”:

*Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de
ponto expediente protocolo e manifestações
de apreço ao Sr. Diretor.*

*Estou farto do lirismo que pára e vai
averiguar no dicionário o cunho vernáculo
de um vocábulo.*

Abaixo os puristas

(...)

*Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare*

*— Não quero mais saber do lirismo que não
é libertação.”*

Neste poema, vê-se o agastamento que o poeta vivenciava em relação às estéticas antecedentes. Percebe-se a proposta de um lirismo liberto das estruturas fixas, a rejeição dos valores que antecederam a poesia moderna e a busca pela inovação na arte de escrever poemas.

Bandeira revela seu descontentamento com as formas de composição parnasiana, com o purismo gramatical dos poetas que prestigiavam o vocabulário rígido nas composições literárias e propõe uma lírica libertadora, tanto na linguagem, quanto nas estruturas e nos conteúdos dos poemas.

O Modernismo foi um movimento artístico e literário, focado na cultura nacional e na crítica social. A transgressão ao academicismo e à linguagem eram características principais do movimento, que foi influenciado pelas correntes de vanguarda, que fez do Modernismo também um escopo ideológico. Em *A crítica e Modernismo*, Luiz Lafeté (2000, p. 20) afirma que o confronto com uma linguagem imperante, de prestígio, já consiste em um confronto ideológico, pois, “o ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época.”

A influência que os escritores modernistas, como Oswald de Andrade, absorveram das vanguardas europeias modificou a escrita dos poetas no tocante à maneira de dizer suas verdades em versos livres e com a linguagem simples e direta do cotidiano brasileiro, a exemplo do Futurismo, que defendia, o verso livre, o aniquilamento da sintaxe, do adjetivo, do advérbio e da pontuação; difundia a espontaneidade e liberdade das palavras, a conexão entre as imagens através das analogias, como podemos ver no poema *Pronominais*:

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.*

Neste poema, Oswald de Andrade propõe a aproximação entre a língua falada e a língua escrita, desprezando a norma culta da linguagem. No verso “Me dá um cigarro” o autor defende a fala do cotidiano, por meio da próclise, que é mais usada na linguagem coloquial, em detrimento da ênclise, que é usada na norma culta da língua portuguesa, como está no verso “Dê-me um cigarro.

Dessa maneira, o poeta cria uma poesia lúdica e, de forma humorada, diverte-se com a linguagem, numa clara exposição

dos ideais modernistas que, também, buscam evidenciar a cultura linguística e a identidade nacional.

Segundo Luiz Lafetá, “o Modernismo brasileiro foi tomar nas vanguardas europeias sua concepção de arte e as bases de sua linguagem: a deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento academista, a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo de consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional.” (LAFETÁ, 2000, p.22). Neste sentido, pode-se afirmar que a intenção do movimento modernista era a supressão dos conceitos parnasianos de criação artística e a valorização da linguagem coloquial, com seus erros e vícios.

Nesta mesma lógica, o escritor Mário de Andrade, um dos principais representantes do Modernismo, também defendeu uma lírica de linguagem simples e libertadora. Segundo Andrade o Parnasianismo já estava obsoleto, era chegado o momento do “[...] verso livre, rima livre, vitória do dicionário, e, esteticamente, substituição da ordem intelectual pela ordem subconsciente, rapidez e síntese, polifonismo” (ANDRADE, 1980, p. 205).

Assim, o processo de ruptura com a estética anterior foi muito além das simples mudanças na linguagem, os modernistas pretendiam a renovação do pensamento artístico brasileiro, com intuito de convergir a arte nacional para um único fim: criar uma identidade própria.

Referências:

- ANDRADE, Mário de. A escrava que não é Isaura. Obra imatura. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
DEL PICCHIA, Menotti del. O Gedeão do Modernismo: 1920-1922. Seleção e organização de Yoshie Sakiyama Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura 1983.
LAFETÁ, João Luiz. 1930: A Crítica e o Modernismo - 1ª ed. - Coleção: Espírito Crítico. São Paulo: Editora 34, 2000.
OSWALD DE ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Por ilka da Graça Baía de Araújo



Sou a quinta de uma família de nove irmãos. Macapaense, casada, cristã, amante da música, artes (diversas) e escrita. Meu nome é **Ilka da Graça Baía de Araújo**, nascida em 13 de novembro de 1967. Tenho nas veias a educação e musicalidade advindas de meus pais, que foram professores e músicos: meu pai Raimundo Baía (*in memoriam*) foi professor de Língua Portuguesa e diretor de escola pública; cantor, tocador de violão, acordeon e clarinete. Minha mãe Abigail Baía (*in memoriam*), foi professora de Datilografia, costureira e tocadora de piano e acordeon.

Na família são ao todo nove professores que atuam na educação em diversas áreas. Sou mãe de quatro filhos casados: Rennan, Ruane, Evellin e Vivian, que me deram 9 netos. Com exceção da Vivian que é a caçula, os demais

moram na cidade de Macapá-AP.

Meus pais fizeram a diferença na minha vida por meio da instrução. Muito cedo fui estimulada a ler e a escrever. Sempre amei estudar. Recebi esse legado deles, a quem dou todas as honrarias neste momento.

Fiz o Ensino Médio em Magistério, o que me respaldou didaticamente para atuar em sala de aula nas séries iniciais, desde 1993 até 1997, no Estado do Amapá – AP. Nessa época, passei no vestibular da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e cursava Música Sacra, área que pratico desde a minha infância, na igreja. Por motivos de mudança de Estado tive que trancar os dois cursos para vir morar na cidade de Gurupi, no ano de 1999. Na ocasião, meu esposo Wagner Araújo, Pastor da Igreja Batista, havia assumido o pastorado de uma igreja local.

Como havia iniciado minha graduação em Letras pela UNIFAP, com nossa vinda para o Tocantins, em 2002 transferei o curso e concluí na UnirG, no ano de 2005. É válido ressaltar que desde o período de 2002, já atuava como estagiária e posteriormente, como técnico-administrativo e professora na UnirG.

No mesmo ano que concluí a graduação, iniciei uma Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior, ofertada pela UnirG, concluindo em 2007. No período de 2005 a 2008 atuei na Diretoria Regional de Ensino como Assessora de Programas Educacionais nas Escolas Estaduais do



Amo a Deus e toda sua criação. Amo minha família. Amo estudar, ler e escrever. Amo músicas boas, artesanato, viagens. Sou apaixonada pelos grafismos indígenas e pelo Curso de Letras.

Estado e também como Assessora de Gabinete nesta mesma regional.

No ano de 2009, mudamos para o Estado de Goiás, mais propriamente para a cidade de Anápolis, onde trabalhei como Assessora dos Cursos Superiores de Tecnologias, ofertados pela Universidade Estadual de Goiás – UEG, atuando também como professora de Língua Portuguesa, Metodologia do Ensino Superior e Assessora Acadêmica na Pró-Reitoria de Graduação.

No período compreendido entre 2009 - 2015, fiz vários cursos de aperfeiçoamento na área de EAD, tais como: Elaboração e Produção de Material Didático em EAD; Capacitação em Ambiente Virtual da Aprendizagem; Formação de Tutores – UEG e o Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – UEG, tendo como temática “O conhecimento não indígena sobre os grafismos indígenas

Wajãpi, do Estado do Amapá”. Neste mesmo período, fui concursada pela Secretaria de Educação de Goiás, onde atuei em uma Escola Estadual de Ensino Médio.

No final de 2015, retornamos para a cidade de Gurupi -TO, onde estamos até os dias atuais. Nesse período, atuei na Pró-Reitoria de Graduação como Assessora (2016-2018), Coordenadora e elaboradora do Plano de Ação do ENADE da UnirG, docência nos cursos de Letras, Direito, Medicina e Pedagogia com as disciplinas de Língua Portuguesa, Metodologia da Pesquisa, Cultura Brasileira, Metodologia da Língua Portuguesa (2021-2022), entre outras.

Atuo como avaliadora do INEP desde 2018, para Autorização, Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento de Instituições de Ensino Superior e desenvolvo várias atividades de cunho social paralelamente à minha atuação profissional.

ENTREVISTA

COM A PALAVRA...



PAULO
ALBUQUERQUE

RL - Quem é Paulo Albuquerque? Qual seu lugar de origem?

Sou natural de Cruz Alta - RS, nasci em 1963. Fiz curso de desenho no 2º grau. Meu primeiro emprego foi na rádio Cruz Alta AM, sentei praça (ingressei) no Exército Brasileiro em fevereiro de 1982, de onde saí como 2º sargento em 30 de agosto de 1989. Cheguei ao Tocantins em 09 de setembro de 1989.

RL - Qual a sua formação acadêmica?

Em 1988 formei em Direito pela Unicruz – Universidade de Cruz Alta. Em 2005 formei em Jornalismo na UnirG, neste

mesmo ano finalizei a pós em Assessoria de Comunicação; Em 2017 concluí mestrado em Comunicação e Sociedade, pela Universidade Federal do Tocantins e em 2019 concluí uma especialização em Direito Ambiental. Estou na fase de conclusão de um doutorado em Ciências Jurídicas, na Universidade Del Museo Social, em Buenos Aires.

RL – Você é jornalista/radialista, professor, escritor e músico. Destas funções, qual a sua preferida? Por quê?

Ser músico/compositor é a mais leve de todas, como se fosse o lazer. É a que

menos me dá retorno financeiro, mas já me sustentei por alguns anos tocando na noite gurupiense. Gosto de todas as demais. Aliás, só faço o que me dá prazer.

RL - O que te despertou para a carreira de Jornalista?

Sempre fui comunicador. O jornalismo como carreira aconteceu por necessidade, pois a advocacia não dava retorno em meu início profissional em Gurupi. O jornal Cocktail (fundado em 1990) foi uma boa solução como atividade laboral por mais de 25 anos.

RL - Enquanto jornalista, como você descreve sua experiência?

Tive a oportunidade de estar em atividade plena justamente na transição para o digital. Fiz de tudo no jornalismo (notícias, notas, esporte, reportagens, fotografia) e em todas as mídias (jornal, revista, televisão, rádio, blog e site). Atualmente me atrai mais a atividade no veículo rádio.

RL - Por que você escolheu a carreira de Professor?

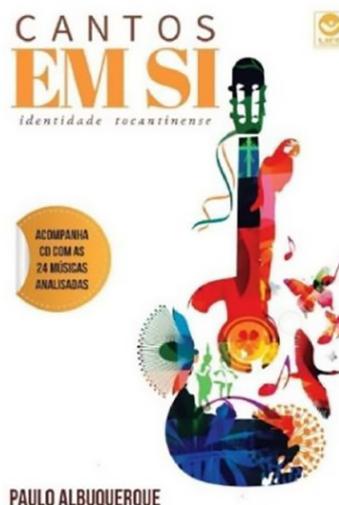
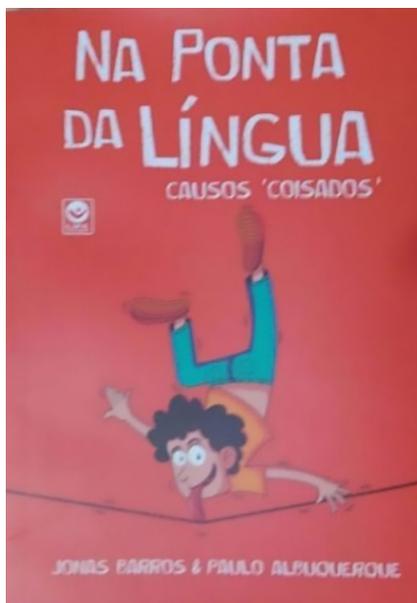
Tenho habilidade para a atividade, vocação. Gosto de dividir experiências. Amo aprender, gosto de pessoas. Sou professor nato, modéstia à parte.

RL - A partir de quando você despertou para o mundo da literatura?

Não tinha planejado. Foi por acaso. Eu precisava de grana, pois estava em uma situação financeira complicada quando estava morando em Palmas (fazendo o mestrado). Participei (sem muitas expectativas) de um edital naquele município que me garantiu a publicação de minha dissertação de mestrado em forma de livro.

RL - Quantos e quais livros você já publicou?

Três livros: *Cantos em si – identidade Tocantinense* (2019 1ª edição e 2021 2ª edição, editora LIFE); *Histórias do final do século XX* (2020, editora LIFE); e, *Na ponta da Língua* (2021, editora Life)



RL – Quando e como transcorreu o lançamento de seu primeiro livro (desafios, processo criativo, publicação, aceitação do público)?

Foi em 2019, fiz o lançamento em Palmas e logo em seguida, em Gurupi. Foi muito importante, pois abriu uma perspectiva nova em minha vida. Novos desafios. Escrever é relativamente simples, o difícil é convencer as pessoas a ler nestes tempos em que estamos vivendo.

RL - Enquanto poeta/músico, você se inspirou em alguém? Quem?

Muita gente, creio que inicialmente fui embalado pela voz limpa, cristalina e super afinada de meu pai, músico regional do meu estado de origem. Meus tios, meus amigos do grupo de jovens em Cruz Alta. Em minha fase adulta tive muitos artistas preferidos, de todos os gêneros e países. Sou de uma época em que o *rock and roll* era sinônimo de juventude e rebeldia. Fui muito influenciado pelo som dos Beatles (embora não tenho vivido na época deles) e por artistas populares das décadas de 70, 80 e 90 (Roberto Carlos, Raul Seixas, Belchior, Zé Ramalho, Benito de Paula, Paulinho da viola, Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque, Djavan, Cazuza, Renato Russo... etc)

RL - Como foi sua entrada na Academia Gurupiense de Letras – AGL?

Fui convidado a participar pelo Dr. José Maciel de Brito, e aproveitei o edital de abertura de vagas em 2021.

RL – Enquanto Presidente, que projetos você tem para a AGL?

Apoiar os eventos já existentes e criar uma bolsa anual para novos escritores; levar a Academia aos jovens, nas escolas.

RL - Em poucas palavras, resuma o que é a Literatura para você.

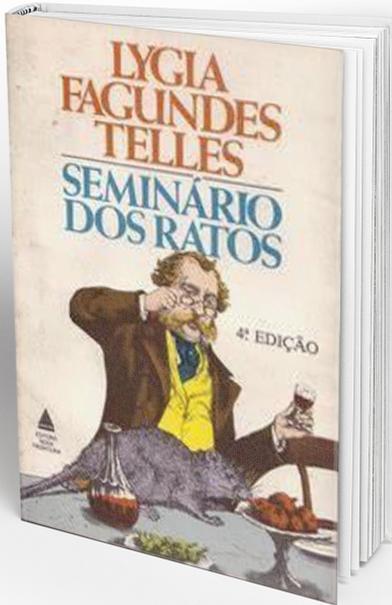
É a forma mais eficiente que temos para provar que ainda somos humanos dotados de razoável inteligência. Nossas prosas, nossos versos e narrativas sempre serão importantes como legados.

RL - Considerando que você é atuante nas áreas de comunicação e literatura (linguagens), o que você tem a dizer aos futuros profissionais de Letras, que atuarão na área de linguagens e literatura?

Não tenham preguiça, leiam; não se iludam apenas com as imagens, leiam; não acreditem apenas nas narrativas, busquem as possíveis verdades por vocês mesmos: LEIAM!



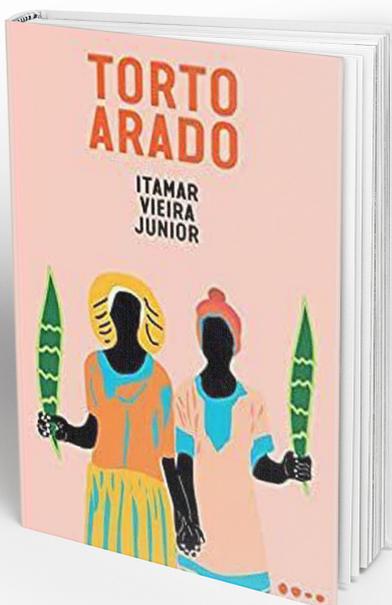
MARULHOS LITERÁRIOS



Seminário de Ratos de Lygia Fagundes Telles – Seminário dos Ratos (1977) é uma coletânea de 14 contos escritos por Lygia Fagundes Telles. Escrita em um período extremamente produtivo da autora. Conto em terceira pessoa que apresenta uma alegoria de nossas estruturas político-burocráticas, época em que o Brasil se encontrava em um momento histórico de repressão política. Neste conto a autora também rompe com a realidade e com a lógica racional.

Este conto, por se tratar de uma temática social, distingue-se dos demais e traz um diferencial. Uma praga sobrenatural de ratos: eis a fantasia de Lygia Fagundes Telles para dizer de sua indignação com a situação do país e com a censura instalada. Os ratos aqui aparecem como elementos que subvertem a ordem estabelecida. A ironia, o humor negro e o sentido crítico perpassam as linhas dessa história satírica, sem abandonar o sentido de uma invasão sobrenatural dos animais. A inversão de papéis realizada entre os animais e os homens apresenta-se como a principal característica do fantástico e do duplo nesse tenso universo representado no conto.

Editora: Companhia das Letras; 1ª edição; ISBN-10: 8535915478; 184 páginas.



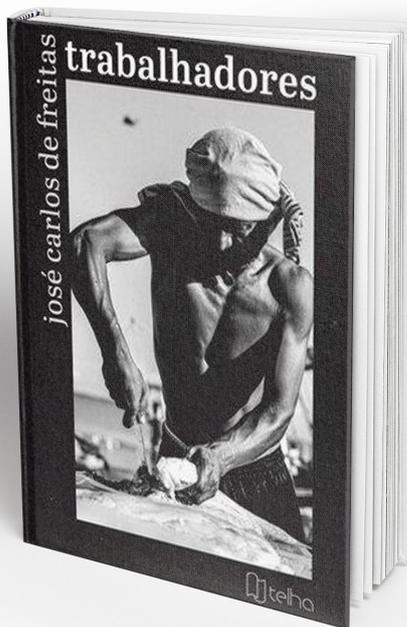
Torto Arado é um romance brasileiro de 2019 escrito pelo autor baiano Itamar Vieira Junior. Antes de ser uma obra magnífica, sensível e muito bem escrita, é uma obra realista, que retrata com maestria aquilo que sabíamos muito antes por via de José Lins do Rego e Graciliano Ramos: que nos interiores do sertão há muito espaço para a dor e pouco para os direitos.

Conta a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, marcadas por um acidente de infância, e que vivem em condições de trabalho escravo contemporâneo em uma fazenda no sertão da Chapada Diamantina. Um texto épico e lírico, realista e mágico que revela, para além de sua trama, um poderoso elemento de insubordinação social. Numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa, o romance conta uma história de vida e morte, de combate e redenção.

O romance foi originalmente publicado em Portugal, pela editora Leya, após vencer o prêmio de mesmo nome. No Brasil, é publicado pela editora Todavia. Além do Prêmio Leya (2018), venceu também importantes competições como o Prêmio Jabuti 2020 e o Prêmio Oceanos 2020.

Gênero: Romance; Editora: Todavia; Edição 1ª EDIÇÃO – 2019; ISBN: 9786580309313; 164 páginas.

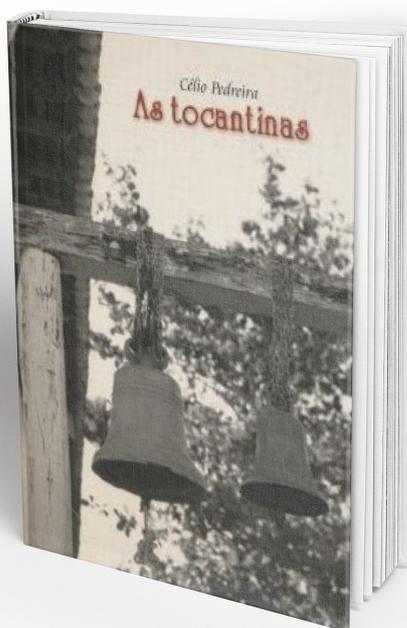
LITERATURA TOCANTINENSE



Trabalhadores, de José Carlos de Freitas, é um livro composto de 84 poemas reunidos em torno da ideia de trabalho como produção ou privação da existência humana. São poemas construídos a partir da observação cotidiana de sujeitos laborantes invisíveis ou de vivências do próprio autor no decurso de sua própria profissão. São poemas engajados no sentido de denúncia de situações desfavoráveis decorridas do exercício de poderes, da indiferença política e do demissionarismo social na contemporaneidade.

José Carlos de Freitas é Professor, Filósofo, Poeta e Ensaísta. Graduado em Filosofia; Especialista em Língua Portuguesa; Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura e Doutorando em Letras Universidade Federal do Tocantins – UFT.

FREITAS, José Carlos. Trabalhadores. Rio de Janeiro: Telha, 2022. ISBN: 978-6581060-53-4.



As Tocantinas, de Célio Pedreira, são poemas que falam sobre os hábitos e tradições do estado do Tocantins, poemas voltados para os povos e costumes da região. É poesia sensorial e tem a natureza, a simplicidade, as miudezas, como inspiração poética.

Célio Pedreira é poeta, escritor, músico e médico, Célio Pedreira é um artista plural, zeloso operário da literatura. Filho de Porto Nacional, na infância, traquinou às margens do Rio Tocantins. Autor de vários livros de poesia e crônica. Compõe a Banda Mestre André. É professor universitário.

PEDREIRA, Célio. Tocantinas. Coleção literatura tocantinense – 1. Palmas, TO : EDUFT, 2014. ISBN: 9788563526571

PRODUÇÃO ACADÊMICA

A FORMAÇÃO DE UM PERFIL DE BRASILEIRIDADE EM MACUNAÍMA

Elza Câmara Costa

Muitos foram os acontecimentos que marcaram o Modernismo brasileiro, dentre eles, destacaram-se grandes obras literárias que contribuíram com esse movimento literário. No primeiro momento, Oswald de Andrade e Mário de Andrade foram os autores que mais se destacaram.

O Modernismo é um movimento geral de libertação do passado, do sentimentalismo, das regras e modelos. É a fase da reação ou da destruição dos velhos paradigmas, vindo em seguida, a fase da construção. Esse movimento nasceu sob o signo da euforia, da festa. Como afirma Coutinho (1997, p.38):



É o produto de um momento de grandeza, de formação, de uma consciência de grandeza. Canta uma raça nova, produto da miscigenação e que deveria resultar num tipo especial de brasileiro - o brasileiro filho de todos os povos, feito da percentagem de todos os sangues - do branco, do índio do preto e de todos os imigrantes.

Em meio a tantas criações inovadoras surge “Macunaíma” de Mário de Andrade, obra que valoriza o primitivismo e apresenta características antropofágicas. O enredo implica em crítica à ética cristã, à organização da sociedade ocidental e em descrédito da máquina e dos estilos de vida e de comportamento recebidos pelos brasileiros da civilização europeia. Para Andrade Murici, *apud* Coutinho (p.38), o intuito da obra é “visar personificar a ‘falta de caráter’, o caos de moralidade e de pitoresco do jovem Brasil, herdeiro ladino, mas ignorante de todas as ideologias, de todos os instintos, de todos os costumes”. Em Macunaíma observam-se vários aspectos da cultura brasileira como: lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismos de linguagem, tudo sistematizado e intencionalmente entretecido delineando em conjunto a paisagem do Brasil e a figura do brasileiro comum.

Não tem como estudar Macunaíma, sem falar da liberdade expressiva que Mário utilizou para escrevê-lo. Como comprovação, tem-se os relatos históricos tanto da vida dele quanto do modernismo, mostrando esse sentimento de amor aos temas voltados para as questões do Brasil. Não foi à toa que Mário foi persistente em romper com as formas fixas do passado, para poder adaptar uma liberdade de expressão. Este foi um dos objetivos ao escrever a obra Macunaíma, a de aproximar sua escrita com o falar do povo nas ruas. Esta linguagem não remete ao estudo da linguística, para isto seria necessário estudar as regiões separadamente. Diferente do que apresenta o romance, pois nele, a linguagem é desgeografada, como afirma Oliveira:

Um poema heroico-cômico, caçoando do ser psicólogo brasileiro, fixando numa figura de lenda, à maneira mística dos poemas tradicionais. O real

e o fantástico fundidos num plano. O símbolo, a sátira e a fantasia livre fundidos. Ausência de regionalismo pela fusão das características regionais. Um Brasil só e um herói só (OLIVEIRA, 2000 p. 288).

Para exemplificar esta linguagem é necessário extrair dela alguns trechos: “- Tu não é mais curumi não rapaz, tu não é mais curumi não... gente grande que faz isso...”

- “Si eu soubesse.”

Pode-se observar através destes exemplos e em todo decorrer da narrativa que o autor manteve uma oralidade do modo como as pessoas falam do dia-a-dia. Diferente do uso da linguagem escrita, considerada culta, que exige um vocabulário mais preciso, termos técnicos, uso correto das preposições etc. Observe os conceitos abaixo de linguagem.

A linguagem culta é utilizada pelas classes intelectuais da sociedade. É a variante de maior prestígio é aquela ensinada nas escolas. Sua sintaxe é mais complexa, seu vocabulário mais amplo e há, nela, uma absoluta obediência à gramática e à língua dos escritores clássicos.
(...)

A linguagem coloquial é utilizada pelas pessoas que fazem uso de um nível menos formal, mais cotidiano. Relativamente à linguagem culta, apresenta limitação vocabular, relevando-se incapaz para a comunicação do conhecimento filosófico,

científico, artístico etc. apresenta maior liberdade de expressão, sobretudo no que se refere à gramática normativa (OLIVEIRA, 1999 p.216).

Ainda comentando essa forma de se expressar, observe alguns exemplos de expressões, que são os famosos provérbios apresentados na obra em questão.

“[...] espinho que pinica, de pequeno já traz a ponta”.

“Atravessou o mato e chegou no capoeirão chamado Cafundó do Judas”.

Além dessas observações, é interessante ressaltar a presença do folclore: mitos, lendas e crendices que aparecem na obra. Para o leitor que não tem conhecimentos sobre o assunto, saiba que esses fatores são a causa da maior complexidade da obra. Para não correr o risco de cometer um pecado de classificá-los como cultura ou religião, alguns exemplos são citados neste capítulo.

Mário traz no capítulo IV – Boiúna Luna, uma lenda da Amazônia. Para que o leitor se situe melhor, é necessário que o autor conheça melhor sua origem.

As lendas amazônicas têm berço nos igarapés, igapós e ao longo dos rios. Uma das mais conhecidas é a Loiúna, a cobra grande, que, ao silvar dentro das águas, faz tremer os ribeirinhos. Mesmo porque, além do silvo forte e estridente, ainda ilumina tudo ao redor com seus olhos de fogo. Muito maior do que a sucuri, a boiúna, quando atravessa o rio de lado a lado parece um

dique no meio das águas, e uma rabanada de sua cauda derruba ubás e montarias. O melhor é ficar de bem com ela e lhe dar algumas oferendas quando for sair para ficar um tempo maior nos rios (HORTA, 2004 p. 22).

Outro exemplo folclórico, é o do boi-bumbá, no capítulo XVI – Uraricoera.

Meu boi bonito,
Boi alegria,
Dá um adeus
Pra toda a família!

Ôh... ê bumba
Folga meu boi!
Oh... êh bumba,
Folga meu boi!

Dizem que o boi-bumbá começou na França há mais de 800 anos, mas a verdade é que estas festas em que o boi é o centro da história tiveram início muito antes, em tempos anteriores, não sendo mera coincidência a veneração prestada ao Boi Ápis no Egito e o culto aos bois dos Sumérios e Caldeus.

No Brasil, as festas de bois existem por todo o país, mas o boi-bumbá entrou no Norte levado pelos filhos do Nordeste, onde, sob o nome de bumba-meu-boi, é mantida por toda a parte... (HORTA, 2004. P.42).

Para dar mais ênfase ao folclore destaca-se aqui um exemplo de crendices, bem conhecida entre a população, e que Mário de Andrade não deixou de enfatizar.

“Matutava matutava roendo os dedos agora cobertos de berrugas de tanto apontares Ci estrela.” (Cap. V. Piaimã).

Segundo Horta (2004), esta crença faz parte da região sul, ele cita que, as pessoas ao apontarem para as estrelas no céu, enchem os dedos de verrugas.

Além desses exemplos citados há, ainda dentro da obra, uma diversidade de riquezas que qualquer pesquisador pode aprofundar, não só dentro do folclore, mas nas frases feitas, na cultura, na religiosidade, na política e analisar ainda mais a linguagem utilizada, observando se ela pode ser vista apenas com o objetivo de aproximação da fala oral, uma vez que o movimento Modernismo visava romper com o academicismo e adotar uma linguagem livre.

(...) liberdade formal, personificada em especial pelo uso do verso livre, pelas formas de composição sem nenhuma regularidade – o soneto (forma fixa), por exemplo, é relegado em segundo plano – pela pontuação subjetiva do texto, ou a ausência total de pontuação (OLIVEIRA, 2000 p.276).

Esta observação pode ser remetida ainda, ao capítulo IX – carta pra Içamiabas, onde o narrador satiriza a linguagem formal da época quando cita na carta:

(...)“via sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra”. (...).

Para entender a obra Macunaíma é necessário que se conheça a intenção do autor. Mário de Andrade, ao escrevê-lo, apesar de ter usado uma linguagem simples, há uma forte presença

do folclore: lendas, mitos, crenças, etc.; além da linguagem indígena. Tendo em vista estes fatores, a obra torna-se de difícil entendimento e sem um conhecimento prévio o leitor pode se frustrar ao se deparar com a obra.

Macunaíma é o resultado de uma visão própria do momento o qual o Brasil vivia: a negação de nossas tradições literárias, a redescoberta da identidade brasileira em um patamar de extrema transparência e sobretudo sem o maniqueísmo romântico. É com esse intuito que o índio volta à cena. Mas agora o índio “mal selvagem”, sem idealizações. Desse primitivismo modernista nasce Macunaíma. Não se estrutura como romance: conflito, desenvolvimento, solução. Por isso, Mário de Andrade o classificou de rapsódia, pois como nas rapsódias é constituído de quadros que se justapõem, sem que um implique o seguinte, a não ser pela necessidade de caracterização das personagens.

Deve-se ressaltar ainda, que Mário de Andrade ao usar esta linguagem, não pretendeu destacar esta ou aquela região do Brasil, pelo contrário, ele se apoderou da linguagem do cotidiano, porém, ao seu estilo de narrativa. É admirável como um autor consegue tramar, criar, narrar uma história com uma temática tão brasileira e uma linguagem tão simples, de repente se torna tão difícil.

É importante o leitor compreender que para se analisar uma obra como esta, um pesquisador deve levar tempo de estudo, caso contrário torna-se uma análise que deixa a desejar, pois em apenas quatro meses é impossível realizar um trabalho eficiente.

Mas, aqui está a intenção de mostrar a riqueza que a obra oferece no campo da pesquisa.

Referências

ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. 33 ed. Belo Horizonte: Livraria Guarnier, 2004. 176p.

COUTINHO. Afrânio. A literatura no Brasil – Era Modernista. 4 ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1997.

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques. O grande livro do folclore. Belo horizonte: Literatura, 2004. 225p.

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. Mini Manual Compacto de Redação e Estilo: teoria e prática. 1 ed. São Paulo: Rideel, 1999. 504p.

OLIVEIRA, Cleonir Bellezide. Arte literária brasileira. São Paulo: Moderna, 2000.

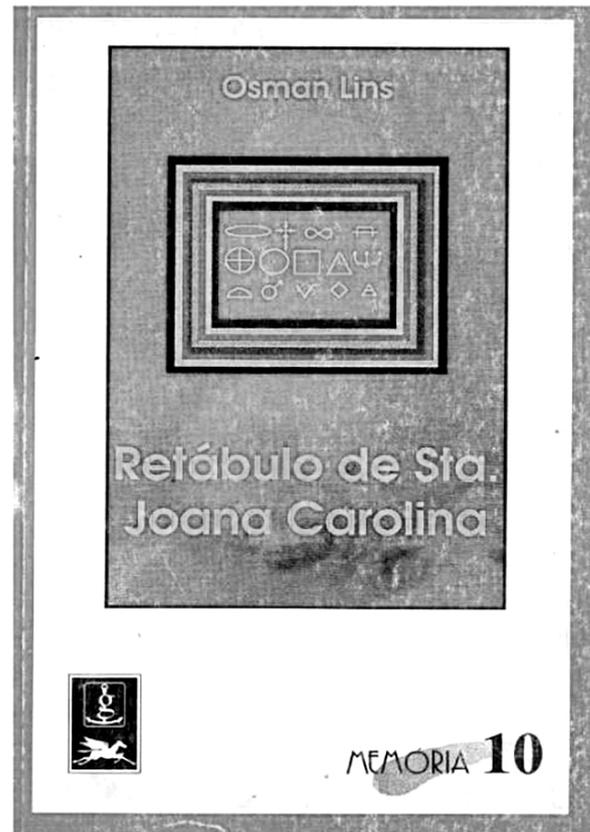
AS VOZES NARRATIVAS NO CONTO RETÁBULO DE SANTA JOANA CAROLINA DE OSMAN LINS

Maria Wellitania de Oliveira

I - O Retábulo: perspectivas da narração

Dentre as várias possibilidades de analisar uma obra literária, optamos por abordar os aspectos estruturais da narrativa: tópicos associados às especificidades do gênero, especialmente, narradores (heterodiegéticos, homodiegéticos e autodiegéticos), focalização e personagens, como também aspectos relacionados à construção linguística do texto em questão.

O conto Retábulo de Santa Joana Carolina é dividido em doze 'mistérios', sendo que para cada um há uma 'introdução', aparentemente sem nenhuma relação com o texto seguinte. O próprio título já mostra a estrutura da narrativa através de dois meios narrativos, o escrito e o visual. O retábulo é um painel visual dividido em quadros e conta uma história através de imagens. Cada quadro apresenta uma cena importante da vida do santo ao qual a obra é dedicada, a história aqui se refere à vida de Joana Carolina, a qual está presente em todos os quadros, os quais estão agrupados sob o mesmo título e associados por um formato comum. Em cada parte, vemos elementos simbólicos que são misturados ao texto e que contribuirão para a eternização da personagem. Também existem



sinais gráficos dentro do texto utilizados para introduzir as falas masculinas e femininas dos narradores. Quanto às introduções, são jogos de palavras em que o escritor demonstra um esforço para recriar a maneira de contar uma história. Percebe-se no texto de Osman Lins uma estrutura cuidadosa, montada de modo que valoriza não somente o conteúdo do texto, mas a própria palavra. Essa maneira inovadora, moderna de narrar uma história foge ao normativismo de Percy Lubbock, que não concorda com a interferência do narrador na narração e as mudanças do ponto de vista numa mesma história. Ao contrário de E.M. Forster, que considera tudo isso válido, desde que corresponda a uma necessidade do tema e do efeito que se quer obter: "Um romancista pode mudar seu ponto de vista, desde que obtenha o resultado esperado."

Ana Luiza Andrade em seu livro *Osman Lins – Crítica e Criação* faz a seguinte afirmação sobre a narração no conto Retábulo de Santa Joana Carolina:

Num primeiro plano, a vida de Joana Carolina é reconstituída através dos relatos de personagens amigos, familiares e conhecidos. Estes são fragmentos narrativos que Osman Lins intitula ‘mistérios’, acontecimentos aparentemente cotidianos, referentes à personagem de Joana pela vida: seu nascimento, sua infância, seu casamento, sua velhice e sua morte. Os mistérios são episódios da vida de Joana, contados por diferentes narradores, com exceção da negra amiga da família que aparece em três deles. Os episódios são pertencentes a diferentes épocas da vida de Joana. (ANDRADE, 1987, p. 121).

Já no primeiro mistério presenciamos algumas características osmanianas, quando a negra amiga da família antecipa, num momento presente, o que sucederá no futuro. O narrador-personagem é caracterizado simbolicamente por um sinal gráfico. O narrador, segundo a teoria de Jean Pouillon, em *O tempo no romance*, relação narrador-personagem, inspirado na questão do tempo, de Jean Paul Sartre, fala das visões na narrativa, apresenta uma visão ‘por trás’, em que o narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre o seu destino. É onisciente, sabe de onde parte e para onde se dirige na narração, o que pensam, fazem e

dizem as personagens.

Acompanhei, durante muitos anos, Joana Carolina e os seus. Lá estou, negra e moça, sopesanda-a (tão level!), sob o olhar grande de Totônia, que me pergunta: “È gente ou é homem?” Porque o marido, de quem não se sabe o nome exato, e que não tem um rosto definido, às vezes de barba, outras de cara lisa, ou de cabelo grande, ou curto – também os olhos mudavam de cor – só vem em casa para fazer folhos ou surpresa, até encontrar sumiço nas asas de uma viagem. (LINS, p. 153).

O narrador, considerado um personagem do texto, cumpre uma função particular no processo narrativo, pois organiza o discurso, conduz a estruturação e a sucessão de fatos do mundo ficcional, além de ser responsável pela focalização que se instala na história narrada. De acordo com a classificação de Friedman, o narrador-testemunha, um “eu” já interno à narrativa, personagem secundária, que observa os acontecimentos e os narra de modo direto e verossímil.

Nos textos de Osman Lins, de forma geral, podemos reconhecer algumas categorias peculiares, pois se estabelece uma construção híbrida dos narradores: heterodiegéticos, homodiegéticos e autodiegéticos. Assim, há uma multiplicação de vozes que permite a participação do leitor no mundo ficcional, em que haveria o predomínio da diegese sobre a narração, característica do *nouveau roman* francês, segundo comenta Lefebve no livro *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*.

Em Retábulo de Santa Joana Carolina, temos

duas instâncias narrativas, o narrador não nomeado, heterodiegético, e narrador homodiegético que nos transmite informações advindas da sua própria experiência. Em relação aos níveis diegéticos, podemos dizer que estes estão no nível intradiegético e são personagens que falam dentro do discurso do narrador não nomeado, apresentando focalizações internas por seguirem suas próprias interpretações dos acontecimentos.

Em *O tempo no romance*, Pouillon refere-se aos aspectos da narrativa e, para isso, relaciona-os aos tipos de percepção – o olhar – o aspecto reflete a relação entre um ele (na história) e um eu (no discurso), entre a personagem e o narrador. Na passagem a seguir, observa-se a ‘visão por trás’, de acordo com Pouillon, o narrador é onisciente, sabe sobre a vida das personagens, sobre os seus destinos, o que pensam, o que fazem e o que dizem, como podemos ver no terceiro mistério:

As setas grossas, no tronco do santo, parecem atravessá-lo, cravar-se firmes em Joana. Por trás, numa fila torta, cantando em altas vozes, com velas acesas, muitas mulheres. A noite de dezembro não caiu de todo, alguma luz diurna resta no ar. Posso ver que os olhos de Joana são azuis e grandes; e que seu rosto, embora desfigurado, pois ela ainda está convalescente, difere de todos que encontrei, firme e delicado a um tempo. (LINS, p.158)

Já o narrador não nomeado está no nível extradiegético, com focalização onisciente, estratégia de representação que rege, nesse caso, principalmente a configuração do discurso prosaico, pois se encontra numa posição de transcendência em relação ao universo diegético que lhe permite selecionar e manipular aquilo que conta. É através dessa manipulação por parte do narrador não nomeado e da presença do ponto de vista dos narradores personagens que o efeito de mistério é provocado e mantido durante toda a narrativa.

A praça, o templo. Lugar de encontro. Os homens reunidos para a discussão, para o divertimento, para as rezas. Perguntas e perguntas, respostas, diálogos com Deus, passeatas, sermões, discursos, procissões, bandas de música, circos, mafuás, andores carregados, mastros e bandeiras, carrosséis, barracas, badalar de sinos, girândolas e fogos de artifício lançados para o alto, ampliando, na direção das torres, o espaço horizontal da praça. (Idem, p. 157).

Observa-se na passagem acima, uma narrativa seca, descritiva, que segundo Pouillon, limita-se a descrever os acontecimentos, falando do exterior; narrador anti-emocional, não adentra nos pensamentos do personagem; tem visão limitada e apresenta mais diegese e menos discurso, é a ‘visão de fora’.

Referência

- LUBBOCK, Percy. A técnica da ficção. In: CHIAPPINI, Lígia. O Foco Narrativo. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 13-16.
 FORSTER, op. cit. P. 64.
 ANDRADE, Ana Luiza. Osman Lins: Crítica e Criação. São Paulo: Hucitec, 1987.
 POUILLON, Jean. O tempo no romance. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1974.
 LEFEBVE, Maurice-Jean. Estrutura do discurso da poesia e da narrativa. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

COMPREENSÃO LEITORA PELA MEDIÇÃO DO PROFESSOR EM PROTOCOLO DE LEITURA

Plinio Sabino Sélis

A obra *Formação do professor como agente letrador*, editado em São Paulo, SP, pela Contexto Editora, no ano de 2010, com 190 páginas, autoria de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Veruska Ribeiro Machado, Salette Flôres Castanheira é um livro que discute, pedagogicamente, a prática da compreensão da leitura, especialmente com o uso de protocolo de leitura. Para as autoras, o desenvolvimento da compreensão leitora não pode se restringir ao conteúdo das disciplinas de língua portuguesa, e sim deve ser vista como tarefa de todas as disciplinas, ainda que se insista em prevalecer essa distorção de atribuir o compromisso somente a quem é da área da língua materna.

As autoras dividem a obra em: *Matrizes de referência para formação e o trabalho do professor como agente letrador; A mediação do professor na compreensão leitora; A leitura tutorial como estratégia de mediação do professor; Aplicação da proposta de leitura tutorial como estratégia de mediação (1), (2) e (3); Professor letrador nos anos iniciais do ensino fundamental: iniciação ao letramento científico; Etnografia de uma prática de letramento científico (1), (2), (3) e (4)*. Aqui, o interesse recai sobre o Capítulo que trata de *A mediação do professor na compreensão leitora, por meio de Protocolos de leitura*.

No referido Capítulo, as autoras descrevem um episódio de 60 minutos no qual uma

professora pesquisadora e um aluno de 16 anos, cursando o primeiro ano do ensino médio, fazem a leitura de um texto retirado do livro didático de Língua Portuguesa, volume único para o ensino médio, de Ernani Terra e José de Nicola. Aplica-se um *protocolo de leitura*, que consta do banco de dados do projeto “Leitura e Mediação Pedagógica”, coordenado pela Prof^a Stella Maris Bortoni-Ricardo e apoiado pelo CNPq. Os *protocolos de leitura*, quiçá, provocados por Bruner (1983), instituídos por Roger Chartier (2001), e assimilados por Kleiman (2013), foram denominados de dispositivos de controle, apresentando limites da sua possível recepção, estabelecidos por idealizações inscritas no suporte da leitura, promovendo-a autorizada e estratégica, com a pretensão de regular a mesma leitura. E, sendo assim, tem-se aqui uma breve proposta de protocolo de leitura – antes e durante a leitura, com ações que podem ser selecionadas.

POSSIBILIDADES DE ITENS DE UM PROTOCOLO DE LEITURA

ANTES

Registrar antecipações do tipo: 1) Destacar o assunto principal da obra; 2) Escrever algo da biografia do autor e do ilustrado; 3) Responder: em que local o livro foi publicado?

4) Pesquisar algo sobre a editora; 5) Descobrir o valor do livro; 6) Elaborar um plano de leitura; 7) Definir como pretende ler o livro; 8) Definir o tempo a ser gasto para a leitura do livro; 9) Decidir se lerá com ajuda ou sem ajuda de outrem; 10) Dar seu parecer sobre a capa, o formato e tamanho do livro, a letra utilizada, as ilustrações, a espessura do livro e tipo de papel.

DURANTE

Ações que podem ser realizadas: 1) Alterar o final do livro; 2) Criar um diálogo que não existe no texto com alguns personagens; 3) Desenhar a cena que mais chamou a atenção; 4) Identificar personagens centrais, caso haja; 5) Identificar personagens secundárias, caso haja; 6) ilustrar uma parte do livro usando recortes de revistas; 7) Listar palavras novas e buscar o significado no dicionário; 8) Listar perguntas que faria ao autor; 9) Listar uma ideia presente no texto com a qual não concorda; 10) Modificar o título do livro; 11) Reescrever uma parte do livro com suas próprias palavras ; 12) Registrar em que época acontece a história, se for o caso; 13) Registrar o nome da personagem, caso haja, que mais apreciou ou não, justificando a resposta; 14) Sintetizar um parágrafo de sua preferência; 15) Transcrever o parágrafo que mostra a ideia principal do livro; 16) Emitir sua

opinião geral sobre o livro; 17) Responder: em sua opinião, qual foi o objetivo do autor ao escrever o livro? 17) Identificar o gênero textual; 18) Responder: Que sentimentos o texto evocou? 19) Responder: recomenda o livro para alguém? Por quê? 20) Recontar a história, se for o caso, para um colega ou familiar; 21) Responder: Caso você fosse o editor, publicaria o livro? Por quê?

Os *protocolos de leitura* não são estabelecidos como acordos exaustivos, mas antes como pactos tácitos. Quando se diz, independentemente da situação, que os envolvidos deverão ‘seguir o protocolo’, significa que é necessário trilhar os procedimentos previstos para completar determinado processo e atingir a finalidade pretendida.

Dessa forma, pode-se propor a construção de uma coletânea com os protocolos feitos, isto é, organizá-los, de modo que o estudante perceba o resultado de suas reflexões e a própria caminhada educacional. Pode-se, também, realizar um grande momento de socialização entre as turmas com as impressões dos estudantes sobre as leituras feitas. Assim, espera-se que os *protocolos de leitura* sirvam como auxiliares no processo de compreensão e de interpretação de texto, necessariamente nesta ordem, em que se parta do explícito ao implícito.

Referências Bibliográficas

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo, SP: Contexto, 2010.
 BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.
 CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
 KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

Plínio Sabino Sélis é Pós-Doutorando em Psicologia Social, pela UK – Universidad John Kennedy, Buenos Aires, Argentina; Doctor en Ciencias de la Educación, pela FICS – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Assunção, Paraguai; Mestre em Educação, pela UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista; Especialista em Avaliação Institucional, pela UnB – Universidade de Brasília; Especialista em Planejamento Educacional, pela UNIVERSO – Universidade Salgado; Graduado em Letras/Português-Literatura, pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro da AGL - Academia Gurupiense de Letras, Cadeira 33, Gurupi, Tocantins, Brasil. (doutorsabino@gmail.com) .

OUTRAS ARTES

COPACABANA PALACE

ARQUITETURA, ARTE E POESIA



Por Felipe Oliveira Neves e Isabelle Alves Neves

Majestoso e inspirador o Copacabana Palace talvez seja o hotel que mais tenha suscitado o interesse de artistas da música e da poesia brasileira.

O icônico Copacabana Palace é prova material da interação entre as artes. Ele consegue reunir arquitetura, história e arte em um só local. Sua história inicia-se antes mesmo de sua construção com o empresário Octávio Guinle, idealizador da obra. Obra essa, solicitada pelo então Presidente da República, Epitácio Pessoa para acomodar os turistas que viriam ao Brasil para a comemoração do centenário de nossa Independência em 1922.

Guinle não poupou para idealizar seu projeto, contratando nada mais, nada menos que o arquiteto Joseph Gire, um dos mais conceituados na época. Gire não saiu de seus conceitos e concebeu um projeto Neoclássico primoroso tal qual já havia efetuado em outros hotéis da Riviera Francesa e também não o poupou nos detalhes.

No Hotel encontramos a face de Hércules com a cabeça do Leão da Neméia que, segundo a Mitologia Grega, foi uma das doze tarefas executadas por Hércules para se redimir por ter matado toda sua família sob efeito do feitiço de



Hera (esposa de Zeus).

Com tanta pompa e com todo o material para construção importado da Europa, a obra atrasou, só sendo inaugurada em agosto de 1923 com um esplêndido cassino, pois os jogos de azar eram permitidos na época.

Gire assinou sua obra tal qual faz um pintor em seu quadro.

O “Copa”, como é carinhosamente chamado pelos mais íntimos, guarda entre suas paredes, nesses quase 99 anos, histórias – que hoje podem até ser pitorescas, mas que na época abalaram toda a nossa nação – como a tentativa de homicídio do então presidente Washington Luís em 1928 pela sua amante italiana Elvira Vishi Maurich no cassino do hotel.

Famosos também se tornaram os bailes de Carnaval comandados por uma entidade inusitada de “homens bem-sucedidos” do Rio de Janeiro, entre as décadas de 50 e 60 do século passado, denominado “Clube dos Cafajestes” com nomes de celebridades da época como o neto de Octávio Guinle, Jorginho Guinle, o jogador de futebol famoso na época, Heleno de Freitas e o colunista Ibrahim Sued, esse último homenageado com uma estátua em frente ao hotel.

Já na década de 70 do século passado, a figura inusitada que visitou o Copa foi Janis Joplin que em um Carnaval animado resolveu nadar nua na piscina e foi gentilmente convidada a retirar-se do hotel.

Nos anos 90 foi a vez de se implantar o maior esquema anti-paparazzi do Copa para receber o Príncipe Charles e a Princesa Diana.

As histórias do Copa não param por aí e estão registradas em seu Golden Book, onde estão todas as assinaturas de seus hóspedes famosos. É impossível passar ileso em frente a galeria de fotos dos hóspedes ilustres estampada em um dos corredores do hotel, como Walt Disney, que idealizou o seu personagem Zé Carioca no Copa, por exemplo.

O hotel Copacabana Palace fica na Avenida Atlântica esquina com a rua Rodolfo

Dantas, na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. O hotel serve de referência para a praia, a qual lhe deu o nome, e que é um dos maiores cartões postais do Brasil e palco de inspiração para muitos artistas, dos quais destacamos Vinícius de Moraes, que encantado pela paisagem, escreveu uma poesia intitulada “Copacabana”, publicado em “Roteiro lírico e sentimental da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”, onde o poeta declara:

*“Esta é Copacabana, ampla laguna
Curva e horizonte, arco de amor vibrando
Suas flechas de luz contra o infinito.
Aqui meus olhos desnudaram estrelas
Aqui meus braços discursaram à lua
Desabrochavam feras dos meus passos
Nas florestas de dor que percorriam.
Copacabana, praia de memórias!
Quantos êxtases, quantas madrugadas
Em teu colo marítimo!*

(...)

*Tu, Copacabana,
Mais que nenhuma outra foste a arena
Onde o poeta lutou contra o invisível
E onde encontrou enfim sua poesia
Talvez pequena, mas suficiente
Para justificar uma existência
Que sem ela seria incompreensível.”*

(MORAES, Vinícius. Fragmentos de
“Copacabana”, Los Angeles 1948)

O livro que é uma declaração de amor à cidade do Rio de Janeiro, foi publicado como edição especial, com seleção e apresentação do poeta e pesquisador Daniel Gil e ilustrações de Juliana Russo, a partir de indicações deixadas pelo autor.

Nenhum outro hotel se prestou tanto a arte e a citações literárias. Apesar das inovações tecnológicas, ainda conserva seu ar boêmio, fonte de inspiração para poetas e escritores durante décadas.



REVISTA DO MODERNISMO

Após a Semana da Arte Moderna, e ainda sob os ecos das vaias e gritarias, deu-se o início ao primeiro movimento modernista, que foi o período de 1922 a 1930, o qual houve uma presença muito forte de manifestos e revistas de vida efêmera.

A revista Klaxon – publicada em 15 de maio de 1922. Esta foi inovadora em todos os sentidos, desde a capa e contracapa até as propagandas, ela trazia uma oposição entre o velho e o novo, anunciando a modernidade. Segundo Nicola (1998), Klaxon era um termo empregado para designar a buzina externa dos automóveis.

MELOPEIA E TRADUÇÕES

LIKE OUR PARENTS / Elis Regina

I don't want to tell you, my love
 About the things I've learned on records.
 I want to tell you how I've lived
 And everything that happened to me.
 Living is better than dreaming
 And I know love is a good thing.
 But I also know that any song
 is smaller than the life of any person.
 So be careful, dear. There's danger around the corner.
 They won and the traffic light is closed to us who are
 young.
 To embrace your brother and kiss your girl
 On the street is why your arms, your lips and your voice
 were made.
 You ask me about my passion
 I say I'm delighted, like a new invention.
 I will stay in this city, I'm not going back to the plow
 For I see coming in the wind the smell of a new season
 I know everything in the living wound of my heart.
 It's been a while since I saw you on the street,
 Hair in the wind, young people gathered.
 On the walls of my memory
 That remembrance is the painting that hurts the most.
 My pain is to realize that even though we've done all that
 we've done
 We are still the same and we live like our parents.
 Our idols are still the same and the appearances don't
 deceive, oh no
 You say that after them no one else appeared.
 You might even say that I don't know anything or that I'm
 making this up
 But it's you who loves the past and doesn't see that the
 new always comes.
 Today I know that one who gave me the idea
 Of a new consciousness and youth is at home, guarded
 by God, counting money.
 My pain is to realize that even though we've done all that
 we've done
 We are still the same and we live like our parents.

COMO NOSSOS PAIS / Elis Regina

Não quero lhe falar, meu grande amor
 Das coisas que aprendi nos discos.
 Quero lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu
 comigo.
 Viver é melhor que sonhar
 E eu sei que o amor é uma coisa boa.
 Mas também sei que qualquer canto é menor do que a
 vida de qualquer pessoa.
 Por isso cuidado, meu bem. Há perigo na esquina.
 Eles venceram e o sinal está fechado pra nós que somos
 jovens.
 Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na rua
 É que se fez o seu braço, o seu lábio e a sua voz.
 Você me pergunta pela minha paixão
 Digo que estou encantada, como uma nova invenção.
 Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão,
 Pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação.
 Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração.
 Já faz tempo eu vi você na rua,
 Cabelo ao vento, gente jovem reunida.
 Na parede da memória essa lembrança é o quadro que
 dói mais.
 Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o
 que fizemos,
 Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.
 Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não
 enganam não.
 Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém.
 Você pode até dizer que eu "tô por fora" ou então que eu
 tô inventando
 Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo
 sempre vem.
 Hoje eu sei que quem me deu a ideia de uma nova
 consciência e juventude
 Está em casa, guardado por Deus, contando o vil metal.
 Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o
 que fizemos,
 Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.

Como nossos pais é uma composição de Belchior, lançada no álbum *Alucinação*, de 1976 e que fez sucesso na versão de Elis Regina, em seu aclamado disco *Falso Brillhante*, também de 1976. A letra fala de uma juventude reprimida, mas também de esperança e luta por mudanças. Tradução livre por Jack Barbosa.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



Porão e Sobrado foi o primeiro livro de contos de Lygia Fagundes Teles, foi lançado quando ela tinha apenas 15 anos de idade. Já o primeiro romance, Ciranda de Pedra, foi lançado quando ela contava com 21 anos. Embora tenha se lançado como escritora ainda cedo, Lygia achou que seria mais viável seguir a carreira de advogada. Foi na Faculdade de Direito que conheceu aquela que se tornaria uma das suas maiores amigas: a poetisa Hilda Hilst. Nos anos 1970, Lygia foi presidente da Cinemateca Brasileira e fez parte da comissão que, em 1977, entregou ao ministro da Justiça o Manifesto dos Intelectuais, abaixo-assinado contra a Censura.

Em 1982, entrou para a Academia Paulista de Letras e, em 1985, passou a ocupar a cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras, sendo a 3ª mulher a ingressar na instituição.

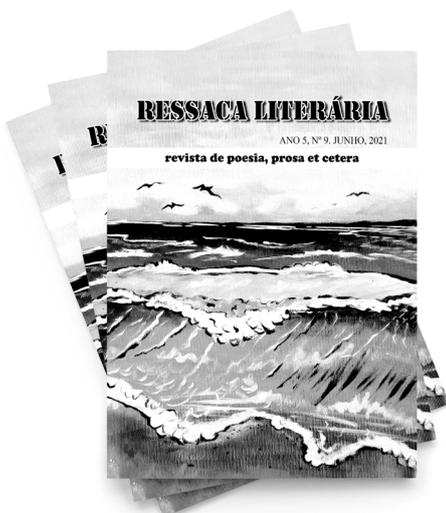
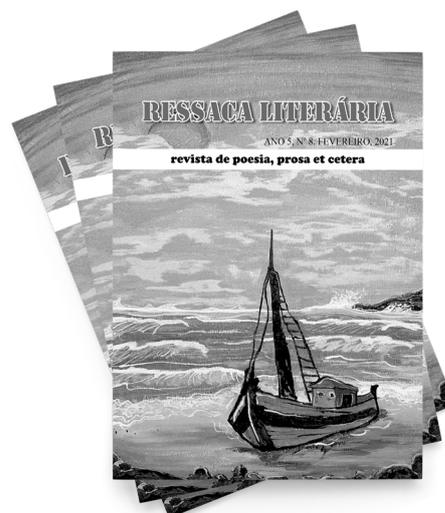
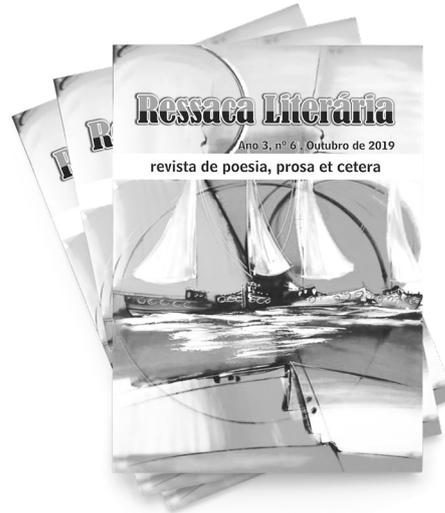
Dentre os prêmios, ganhou 5 edições do Jabuti e recebeu o Prêmio Camões em 2005, o mais importante da língua portuguesa, pelo conjunto da obra. Lygia também foi a primeira brasileira indicada ao Nobel da Literatura, em 2016.



Fernando Pessoa gostava muito de astrologia. Ele tinha a mania de fazer mapas astrais de amigos, parentes, conhecidos e até de personalidades históricas. Cecília Meireles tinha como seu maior desejo na sua visita a Portugal, conhecer Fernando Pessoa. O poeta, entretanto, não foi ao seu encontro e deixou Cecília à espera quase duas horas. Quando voltou ao hotel, ela encontrou um livro e uma carta de Pessoa. Nele, o gênio português pedia desculpas por não ter ido ao encontro. O motivo? Os astros diziam que os dois não podiam encontrar-se naquele dia.

O escritor Fernando Pessoa, quando chegou atrasado a um encontro com o escritor José Régio, o poeta disse que era Álvaro de Campos e pediu perdão por Fernando Pessoa não ter podido comparecer.

EDIÇÕES ANTERIORES





ISBN: 978-65-00-44233-5

CDL



9 786500 442335